

2014

Lugares Sagrados do Budismo

Primeira Edição

Marcos Ubirajara de Carvalho e Camargo
Cristal Perfeito
02/07/2014



Copyright © 2009 por **Marcos Ubirajara de Carvalho e Camargo**

Sumário

PARTE I - SÍTIOS SAGRADOS.....	7
Bodh Gaya – O Mais Sagrado Local.....	9
Sarnath – A Primeira Pregação do Dharma.....	12
Sanchi – Madhya Pradesh	13
Ajanta (Maharashtra)	15
Kapilavastu e Lumbini	16
Kathmandu – Svayambhunath e Bodhnath	18
Anuradhapura	19
Polonnaruwa (Nordeste do Sri Lanka)	22
Bangkok e Ayutthaya.....	24
Angkor Wat e Angkor Thom.....	27
Borobudur	30
Lhasa.....	33
As Cavernas de Yung-kang e Lung-men	35
Nara e Kyoto.....	37
Kushinagar, o Parinirvana do Buda	40
Sravasti ou Savatthi, a Morada do	43
Buda Shakyamuni	43
Nalanda na época do Buda (500 A.C.).....	46
Varanasi, o Primeiro Sermão.....	48

Monte Gridhrakuta, o Pico da Águia	51
Kosambi, o Pilar de Ashoka.....	53
As Montanhas Sagradas do Budismo na China	54
Enryaku-ji	57
As Cavernas Budistas de Ellora	60
O Pagode de Shwedagon	64
Lumbini, o Exato Local do Nascimento de Buda Shakyamuni.....	66
Taisekiji, Meus Vinte Anos de Tozan.....	69
Sri Dalada Maligawa, o Templo da Relíquia do Dente Sagrado ...	71
Kesariya, a Terra do Sutra Kalama	75
Sankassa.....	76
PARTE II - HISTÓRIA NOS LUGARES SAGRADOS.....	81
A História do Castelo de Kushinagar.....	83
A História do Castelo de Kapilavastu	86
A História do Monastério de Jetavana	88
O Rei Suddhodana e a Rainha Maya – O Cenário.....	91
O Nascimento de Siddhartha.....	94
A Sombra do Bodhi	99
Os Portões de Kapilavastu	102
A Aparição em Rajagriha.....	106
Os Alaúdes do Nairanjana.....	108

A Deserção dos Cinco Discípulos.....	110
A Caminho de Benares	113
O Buda Supremo Encontra os ex-Discípulos	115
O Bosque dos Bambus.....	118
A Chegada à Kapilavastu	121
O Buda Deixa Kapilavastu.....	122
O Oferecimento de Anathapindika	124
O Pensamento de Anathapindika	128
A Solidão do Sábio.....	130
Pataliputra	134
O Sermão de Bailva	136
O Sermão de Vaisali.....	138
A Última Viagem.....	141
PARTE III – NATUREZA DOS LUGARES SAGRADOS	143
A Origem de um Lugar Sagrado	145
Um Lugar Sagrado Pode Adoecer	147
Os Lugares Sagrados de Pregação da Prajna pelo Buda	150
O Tempo e o Lugar	152
O Encontro de Sudatta com o Lugar Sagrado	153
Lugares Sagrados.....	156

PARTE I - SÍTIOS SAGRADOS

Bodh Gaya – O Mais Sagrado Local

08/11/2007 at 11:28

Bodh Gaya é o local de nascimento do Budismo. Há cerca de 2.500 anos, ali o Príncipe **Siddhartha Gautama**, nascido em 566 A.C., sentou-se sob a árvore Bodhi e então, conforme se acredita, atingiu a iluminação.

“Eles dizem que o **Buda Shakyamuni**, tendo deixado o palácio do Clã dos Shakyas e tendo ido a um lugar não muito distante da cidade de Gaya para sentar no Bodhimanda, atingiu então o Anuttara-Samyak-Sambodhi. Todavia, bons homens, eu de fato atingi o Estado de Buda há ilimitados, incomensuráveis centenas de milhares de miríades de kotis de nayutas de kalpas atrás”. - Sutra de Lótus - **CAP. 16: A Duração da Vida do Tathagata.**

Situada no estado de Bihar, no nordeste da Índia, cerca de 65 milhas ao sul da capital Patna, e a 7 milhas da cidade de Gaya, **Bodh Gaya** continua sendo o mais importante destino de peregrinação dos Budistas na Terra. Sua principal atração é Templo Mahabodhi, uma pirâmide com cerca de 150 pés de altura, erigida no local da Árvore Bodhi original do **Buda Shakyamuni**.

Antes de sua morte, o **Buda Shakyamuni** incentivou seus seguidores a realizar peregrinações a quatro lugares: **Lumbini**, onde ele nasceu; **Uruvela (Bodh Gaya atual)**, local de sua iluminação; **Sarnath**, local de seu primeiro sermão; e **Kushinara**, onde morreu. Cada um desses lugares pode ser visitado nos dias de hoje, e Bodh Gaya continua sendo o **mais sagrado** dentre esses quatro locais.

Após o declínio do Budismo Indiano no século 12, a maioria dos monumentos Budistas foi destruída ou deixada ao abandono. Em 1891, o Anagarika Dharmapala do Sri Lanka fundou a Sociedade Mahabodhi, a qual começou a envidar esforços no sentido de resgatar Bodh Gaya para o Budismo; isto veio a acontecer em 1949. Hoje, Bodh Gaya é um importante centro de peregrinação com monastérios e centros de meditação acorridos pelas comunidades Tibetana, Birmanesa, Tailandesa e Vietnamita. Ali, os visitantes poderão ver uma antiga descendente da Árvore Bodhi, o magnificente e bem restaurado **templo Mahabodhi** do século 7, a pedra de assento do Buda (vajra-asana) e um museu de relíquias Budistas e Hinduístas.

O Templo Mahabodhi



Sarnath – A Primeira Pregação do Dharma

12/03/2008 at 11:56

O **Parque do Cervo** em **Sarnath**, ao norte de **Varanasi**, foi o local da primeira pregação do Buda, e hoje contém alguns dos mais impressionantes monumentos Budistas na Índia. A vista do belo parque é dominada pela torre **Dharmekh** do século 5: uma das duas torres marca o ponto onde se diz ter o Buda pregado o Dharma pela primeira vez. As demais torres menores, santuários, cinco mosteiros e a parte inferior de uma coluna inscrita da era **Ashokan** são alguns outros monumentos que foram escavados a partir do século 19.

O museu arqueológico de **Sarnath** contém a famosa cabeça de leão da coluna **Ashokan** (emblema do moderno estado Indiano) e muitos outros trabalhos em pedra, incluindo a sublime figura do Buda em preleção do período Gupta (século 5). Como **Bodh Gaya**, **Sarnath** tem uma próspera comunidade Budista internacional.

Sarnath



Fonte da Imagem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Sanchi – Madhya Pradesh

24/03/2008 at 17:46

Talvez o mais fino e mais completo monumento Budista na Índia seja a **Grande Torre de Sanchi** com os seus quatro magníficos portões (toranas). A imensa torre de tijolos em si data do século 3 A.C., mas seus potões, balaustres e parapeitos entalhados foram executados provavelmente dois séculos mais tarde, durante a dinastia Satavahana. **Sanchi** foi escavada nos primórdios do século 19, e a restauração do

local por arqueólogos britânicos e franceses foi iniciada em 1912.

Hoje, os visitantes, bem como os tradicionais devotos do Budismo, podem circundar a torre no sentido horário e contemplar suas portentosas formas esculturais que preenchem os pilares dos portões e seus magníficos arcos. Narrativas em Jataka, elefantes e leões reais, deidades Indo-Budistas e estranhos espíritos de natureza feminina preenchem cada parte dos quatro portões (toranas). Um pequeno museu arqueológico abriga esculturas escavadas; sendo que outras importantes peças de **Sanchi** se encontram nos museus em Delhi, Londres e Los Angeles.

Torre de Sanchi



Fonte da Imagem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Ajanta (Maharashtra)

31/03/2008 at 10:49

A natureza rústica em forma de ravina em elevação, perfurada com mais de vinte cavernas-templo budistas, torna este um dos mais espetaculares lugares da Índia. Muitos estilos de arte sacra do início da era medieval, desde os salões monásticos elaboradamente entalhados, até as esculturas e paredes pintadas, estão aqui representados, e em meio a essas proeminentes glórias de **Ajanta** estão os murais pintados em púrpuros vermelhos, azuis e verdes. Rara na tradição Budista Indiana, a pintura, no mais alto estilo Gupta, nos fornece uma visão da generosidade do Mahayana: uma mistura de formas humanas, divinas e naturais numa transcendência entre o mundano e o elevado.

Mais sublime na graça, compaixão e serenidade é a incomparável figura de Padmapani, o lótus incorporando o aspecto do bodhisattva **Avalokitesvara** (da caverna 1). Cenas de narrativas em Jataka adornam as paredes de vários outros mosteiros no complexo.

As Cavernas de Ajanta.



Fonte da Imagem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Kapilavastu e Lumbini

07/04/2008 at 12:15

Siddhartha Gautama, aquele que seria o futuro Buda, nasceu em **Lumbini**, próxima à capital dos Shakyas em **Kapilavastu**, na região sul do Nepal conhecida como “terai”. Fa-hsien, um peregrino chinês do século 5, descreveu **Kapilavastu** como um “grande cenário de desolação”, habitado por alguns poucos

monges, um punhado de famílias, e perigosos animais tais como leões e elefantes brancos.

Fa-hsien, no entanto, visitou lugares bem conhecidos, incluindo o **Palácio dos Shakyas**, o lugar onde as marcas distintivas da criança Bodhisattva foram descobertas e, ao leste da cidade, os **Jardins de Lumbini** onde a mãe do futuro Buda banhou-se e deu à luz. Montes, torres e outras ruínas testificam a antiga prosperidade institucional do Budismo. A tradição Budista diz que o antigo imperador Ashoka visitou o Nepal no século 3 A.C., erigindo uma torre e uma coluna inscrita em **Lumbini**. Escavações recentes têm descoberto evidências de torres, aposentos monásticos e algumas estruturas bem preservadas de lagos para banho. A **Coluna de Ashoka** – redescoberta em 1896, mas partida ao meio por um raio – também pode ser vista em **Lumbini**. Monastérios das tradições Theravada e Tibetana foram construídos próximos a **Lumbini** nas últimas duas décadas, restabelecendo o lugar como um importante centro devocional, embora geograficamente remoto.

Kathmandu – Svayambhunath e Bodhnath

15/04/2008 at 12:48

Para comemorar a sua visita missionária, diz-se que o imperador **Ashoka** construiu inúmeras Torres Votivas no Nepal. Há dois exemplos de torres bem restauradas que podem ser atribuídas ao período Ashoka. São as notáveis Torres de **Svayambhunath** e **Bodhnath** em **Kathmandu**.

Ambas compartilham feições singulares da arquitetura do Nepal. Acima da torre convencional de **Bodhnath**, encontra-se um campanário erigido no décimo terceiro degrau para simbolizar o décimo terceiro mundo celestial Budista. Mais admirável e surpreendente é a concepção da base quadrada (harmika) a partir da qual se ergem os degraus. Essa base (harmika) é dourada e, de cada lado, há uma face com imensos olhos de metal e marfim embutidos. Uma explicação para esta singular iconografia do Nepal é que os olhos sugerem um culto solar representado em alguns templos Hinduístas por “faces do sol”. Uma segunda idéia é que o templo representa o “Patriarca” (mahapurusha) do antigo Hinduísmo. A teoria Budista sugeriria que os olhos são uma marca distintiva da visão do Buda. Os visitantes ficam certamente surpreendidos pela maneira com que os olhos os

seguem conforme eles se movem em torno do recinto da torre.

A Torre de Bodhnath



Fonte da Imagem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Anuradhapura

22/04/2008 at 12:29

A **Anuradhapura** de hoje é um imenso parque contendo as ruínas do Grande Monastério (**Mahavihara**) estabelecido em 250 A.C. nos arredores da antiga capital Singalesa. **Anuradhapura** está ligada à **Mihintale** através de uma trilha

de peregrinação de 13 km, lugar onde o missionário Mahinda fez sua primeira pregação, e onde uma torre escavada pode ser visitada. Desenterradas no início do século passado, após mais de um milênio de crescimento desenfreado da nossa era, as torres de **Anuradhapura**, as ruínas de monastérios, esculturas, reservatórios e uma descendente da árvore Bodhi original, revelam uma intensa percepção do Budismo antigo. Dominando o local encontram-se duas grandes torres com as características cúpulas em forma de bolha Singalesas. O **Thuparama**, embora bem restaurado, provavelmente seja o mais antigo monumento quer seja na Índia ou no Sri Lanka.

Torre Ruwanweli Dagoba



A torre **Ruwanweli Dagoba**, também muito bem restaurada, está revestida com um estuque branco que diferencia a arquitetura de torres Singalesas das mais bem ornamentadas em estilo Indiano.

Thuparama



Fonte das Imagens: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Em **Anuradhapura**, uma maravilhosa convergência entre o moderno e o arcaico pode ser percebida. Nos dias de lua-cheia nos meses de maio e junho, os festivais de Wesak e de Poson celebram, respectivamente, o nascimento do Buda, sua iluminação e parinirvana, e a introdução do Budismo no Sri Lanka. Em tais festivais, **Anuradhapura** é invadida por centenas de milhares de devotos. Para o visitante de nossos dias, um dos grandes prazeres está em percorrer **Anuradhapura** numa bicicleta alugada.

Polonnaruwa (Nordeste do Sri Lanka)

28/04/2008 at 11:55

Enquanto **Anuradhapura** evoca a austeridade dos primórdios do Budismo Singalês, a mais recente localidade de **Polonnaruwa**, maravilhosamente situada no Lago Topawewa, oferece uma visão inigualável da escultura e da arquitetura do Budismo medieval. Lá o visitante poderá ver o imenso leito do parinirvana do Buda e a escultura em pedra de 25 pés (7,5 metros) de Ananda na cabeceira do Mestre. Lá também se encontra o colossal Buda em meditação, e as famosas figuras esculpidas do Rei-Sábio Parakramabahu admirando o lago e em contemplação de um manuscrito.

Igualmente fascinantes são os monumentos do início do século 13 situados no “Grande Quadrilátero”. Esses monumentos incluem a clássica torre piramidal de tijolos (**Sat Mahal Pasada**), o “**Templo da Relíquia do Dente**” incrustado na pedra esculpida (que não deve ser confundido com o Templo do Dente em **Kandy**) e as colunas onduladas modelando a haste do lótus de **Nissanka Lata Mandapaya**.

Sat Mahal Pasada



Assim como Anuradhapura foi abandonada por volta do século 8, **Polonnaruwa** foi finalmente conquistada pelos **Tamils** no século 15. A arte de Polonnaruwa representa o final

do florescimento da arte do Budismo Singalês, ainda incomparavelmente preservado em terras interiores.

Templo da Relíquia do Dente



Fonte das Imagens: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Bangkok e Ayutthaya

05/05/2008 at 12:06

O mais importante da arquitetura antiga e medieval da Tailândia foi arruinado pelas guerras do sudeste da Ásia, mas importantes templos Budistas dos séculos 19 e 20 ainda abundam na Tailândia, e em muitas partes do país ainda

existem adoráveis sítios arqueológicos. Em **Bangkok**, o templo de **Wat Phra Kaeo**, construído pelo Rei Rama 1 (1782-1809) nos arredores do seu Grande Palácio, é um monumento espetacular ao renascimento do Budismo Theravada que se iniciou no século 19. Esse templo é um centro da vida religiosa da Tailândia, simbolizando a íntima ligação entre a Sangha (corpo de clérigos) e o estado, e abriga o “**Buda Esmeralda**”, um simbolismo de importância nacional para o povo da Tailândia moderna.

Templo de Wat Phra Kaeo



O período **Ayutthaya** da Tailândia Meridional, que foi do século 14 ao 18, trouxe um afluxo de novas idéias de

arquitetura do Sri Lanka. Talvez os mais belos monumentos preservados da Tailândia medieval estejam no parque histórico de Ayutthaya, ao norte de Bangkok. De especial interesse são as torres com suas cúpulas características do “Buda de Lótus”, e as torres dos templos mostrando as influências tanto do Khmer medieval como das torres shikhara do sul da Índia.

O Buda na Capela Principal



A face do Buda Esmeralda



Imagens obtidas de [Sacred Destinations](#)

Angkor Wat e Angkor Thom

14/05/2008 at 8:54

Angkor Wat e Angkor Thom

Após um horrendo período de guerras, os complexos dos templos Hindu de **Angkor Wat** e do templo Budista de **Angkor Thom** tornaram-se acessíveis novamente. **Angkor Thom** foi

uma criação do Khmer “rei-deus” Jayavarman VII (1181-1219), que se converteu ao Mahayana após a destruição de Angkor pelo Cham (vietnamita) durante o reinado do seu pai. O Budismo de Jayavarman parece ter sido uma versão revisada do Brahmanismo que os reis anteriores a ele utilizaram para deificar as suas próprias pessoas. A deidade central na religião de Jayavarman era **Lokeshvara (Avolokitesvara)**, “Senhor do Universo”, e reconstruindo **Angkor Thom** numa escala estupendamente grande, o rei criou uma cidade “Budista” como um monumento a Lokeshvara, que foi também uma forma de auto-veneração de Jayavarman. Essa convergência entre o rei e a deidade está ainda visível nas máscaras de Jayavarman, entalhadas nas quatro faces das torres do templo de Bayon de **Angkor Thom**.

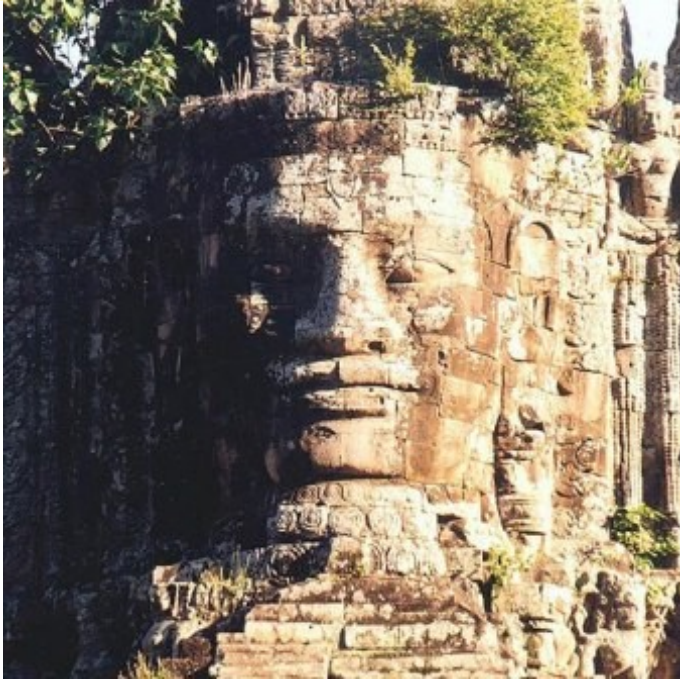
Como em Borobudur e muitos outros templos do sudeste asiático, **Angkor Thom** ficou conceituado como um modelo do universo Budista. No centro de um imenso complexo de santuários, o grande templo Bayon, com seu aglomerado de cinco torres, a maior das quais representando o Monte Merú, é o eixo cósmico do local. O conjunto de Angkor foi protegido por um poço de 90 metros de água e entrecortado por um engenhoso sistema de canais: a água simbolizando o oceano cósmico, os quatro rios sagrados do mundo e – não menos importante – atuando como um sistema de irrigação. Boa parte do poder de **Angkor Thom** emana de uma profusão da

iconografia híbrida Hindu-Budista, esculpida num estilo selvagem e doce nos portões e terraços do templo da montanha de Jayavarman. O retrato do rei-deus olhando através do seu domínio despedaçado reúne o sinistro e o patético.

Templo de Angkor Wat



A face do Bodhisattva Avalokitesvara em Angkor Thom



Imagens obtidas de [Deuce Mania](#)

Borobudur

22/05/2008 at 7:43

O complexo do templo de **Borobudur** é um dos maiores monumentos do mundo. Sua idade é incerta, mas admite-se ter sido construído entre o final do século 7 e início do século

8 D.C. Durante cerca de um século e meio, ele foi o centro espiritual do **Budismo em Java**, permanecendo, então, perdido até a sua redescoberta no século 18. A estrutura, composta de 55.000 metros quadrados de pedras vulcânicas, está erigida numa montanha na forma de uma pirâmide de degraus de seis planos retangulares, três terraços circulares e uma torre central formando o seu cume. A estrutura como um todo está na forma de um lótus, a flor sagrada do Buda.

Vista Aérea do Conjunto do Templo de Borobudur



Além de ser o mais alto símbolo do Budismo, a torre de **Borobudur** é também uma réplica do universo. Ela simboliza o microcosmo que está dividido em três níveis: o nível inferior

no qual os humanos são dominados pelos desejos mundanos e são influenciados por impulsos negativos; o nível intermediário, no qual os humanos possuem controle de seus impulsos negativos e exploram os seus impulsos positivos; e o nível mais elevado, no qual os humanos não estão mais condicionados pelos desejos físicos e mundanos. É uma antiga prática devocional circundar as galerias e terraços sempre virando à esquerda, e manter o edifício à direita sempre que orando ou meditando. **Borobudur** representa os dez níveis da vida de um Bodhisattva, que uma pessoa deve desenvolver para tornar-se um Buda ou um Iluminado.

O Famoso Cume de Borobudur



Imagens obtidas de [Wikipedia](#), a enciclopédia livre.

Lhasa

27/05/2008 at 8:55

Atualmente, os visitantes podem adentrar o **Tibet** a partir da China, Hong Kong ou do Nepal, se tiverem um visto da China. Embora as autoridades chinesas mantenham “fechadas” certas áreas, a maior parte do país é visitável. Na cidade santa de **Lhasa**, o Palácio **Potala** do **Dalai Lama**, assim como muitos monastérios tibetanos, atualmente é um museu estatal. Ao contrário dos inúmeros santuários e monastérios destruídos durante a “Revolução Cultural”, tanto a estrutura como os interiores de **Potala** estão preservados. Símbolo da proteção de **Avalokitesvara** e da maior comunidade **Budista Tibetana**, as torres de **Potala** são ainda as mais imponentes de **Lhasa**, e encerram incontáveis tesouros do século 17, incluindo murais, pinturas, mandalas, altares, e a famosa estátua de **Padmapani** feita de sândalo. O monastério de **Jokhang**, a sudeste de **Potala**, é o mais sagrado de todos os locais Tibetanos de peregrinações. Tendo sobrevivido às barbaridades da “Revolução Cultural”, **Jokhang** conserva seus famosos telhados dourados, e as “Quatro Deidades da Luz Radiante” ainda podem ser vistas no seu santuário. **Jokhang** permanece um monastério ativo; mas pode ser visitado, assim como outros lugares sagrados, como se fosse um “museu”.

O Teto do Palácio de Potala

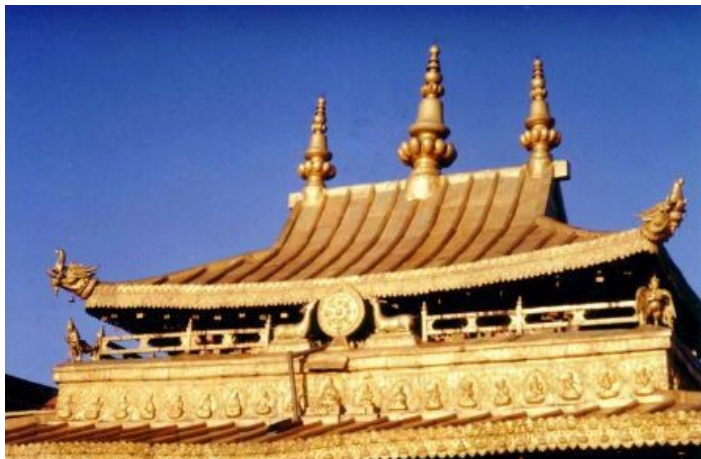


Imagem obtida de presscluboftibet.org

O Monastério de Jokhang

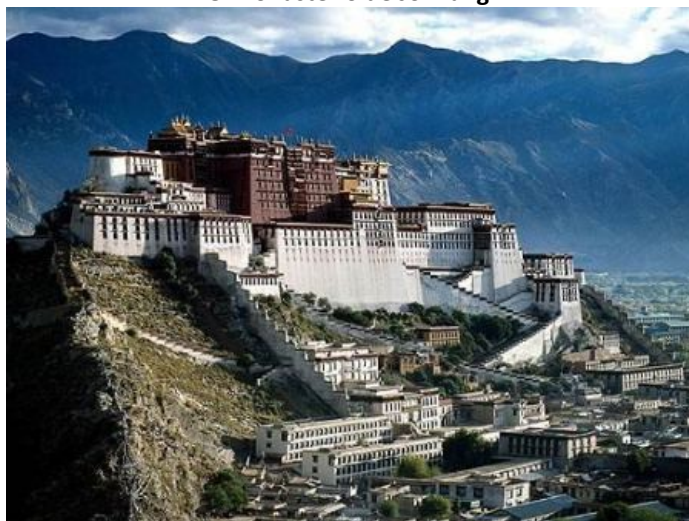


Imagem obtida de [Wikipedia](https://www.wikipedia.org), a enciclopédia livre.

As Cavernas de Yung-kang e Lung-men

04/06/2008 at 9:46

Yung-kang é um dos mais fascinantes lugares Budistas pela surpreendente simplicidade de seus imensos Budas esculpidos na pedra e a delicada ornamentação de seus relêvos narrativos. O trabalho das cavernas-santuários foi iniciado pelo imperador da primeira dinastia Wei, por volta de 460 D.C., como uma resposta à perseguição aos Budistas ocorrida nos vinte anos prévios. Nas décadas seguintes, nos penhascos de rocha calcária de **Lung-men**, durante os séculos 5 e 6, a monumental escultura da dinastia Wei alcançou uma perfeição espiritual e estética jamais repetida.

Os Budas gigantes de **Yung-kang** lembram protótipos indianos. Em **Lung-men**, os motivos de um Budismo primitivo e do Budismo Mahayana convergem para uma linguagem graciosa, serena e autenticamente Chinesa.

A Grande Caverna Fengxian.



O Grande Buda da Caverna Fengxian.



Imagens obtidas de **Sacred Destinations**.

Nara e Kyoto

11/06/2008 at 7:58

Nara, que foi a capital do Império Japonês no século 8, permanece sendo um dos grandes centros históricos do Budismo do Leste Asiático. Tanto dentro como ao redor do parque histórico de Nara estão pagodes, antigos santuários Budistas e Xintoístas, jardins formais, o importante Museu Nacional de Nara, e o não menos importante Templo **Todaiji** com a sua imensa estátua do Buda em bronze.

Templo de **Todaiji** em Nara.



O Grande Buda de bronze em **Todaji**.



Imagens obtidas de [Wikipedia](#), a enciclopédia livre.

A Beleza da antiga **Kyoto** reside nos seus numerosos templos Zen datando do período Heian, e nos famosos jardins dos templos **Tenryuji** e Ryoan-ji. O Zen é uma tradição viva e estudantes ocidentais são aceitos em alguns templos de **Kyoto**, bem como em muitos dos mais antigos monastérios no norte da ilha do Japão.

Templo de **Tenryuji** em **Kyoto**.



Imagem obtida de [Japanese Lifestyle](#)

Kushinagar, o Parinirvana do Buda

19/06/2008 at 0:08

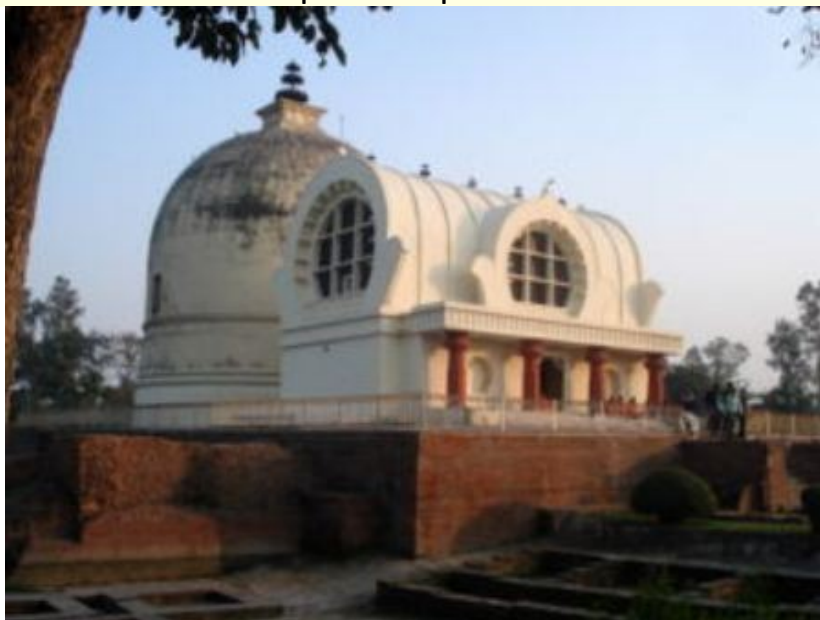
Os restos da Torre do **Parinirvana** e do Templo do **Parinirvana**, quando redescobertos, encontravam-se sob um monte de 40 pés de tijolos, circundado por uma densa e espinhosa floresta. Após E. Buchanan, um oficial da Companhia do Leste da Índia, ter chegado em Kasia durante seu trabalho de inspeção, H.H. Wilson, em 1854, sugeriu que a antiga **Kushinagar** e Kasia eram os mesmos lugares. O trabalho restringiu-se ao período de 1861-1862, quando o General Alexander Cunningham, um inspetor arqueológico, teria comprovado ser aquele o lugar do passamento do Buda **Sidharta Gautama**. Um oficial inglês chamado Mr. A.C.L. Carlleyle convenceu-se disto. Assim, as escavações começaram no final dos anos 1800 e muitos dos mais importantes resquícios dos principais lugares, como o Matha Kuar e a Torre de Ramabhar foram revelados.

Hoje, Kushinagar é um local de peregrinação muito frequentado por turistas Indianos e estrangeiros, e muitos templos têm sido construídos por Budistas Indianos, Chineses, do Sri Lanka, Birmaneses, Sul Coreanos, Tibetanos e Japoneses; ao lado das ruínas dos monastérios e torres dali. Kushinagar é um dos 4(quatro) principais locais de peregrina-

nação relacionados com a vida do Buda Sidharta Gautama. Os outros três são **Lumbini**, **Bodh Gaya**, e **Sarnath**.

Os dois lugares mais frequentemente visitados em Kushinagar são: a Torre do **Mahaparinirvana**, que está construída no local do Grande Parinirvana do Buda, e o local da cremação do seu corpo, distante 1,6 km dali. A Torre do Mahaparinirvana está cercada de ruínas de antigos mosteiros.

Torre e o Templo do Mahaparinirvana do Buda.



Próximo à Torre do Mahaparinirvana está localizada uma imagem de cerca de 1500 anos do Buda em seu **Parinirvana**.

Makutabandhana, local da cremação do corpo do Buda.

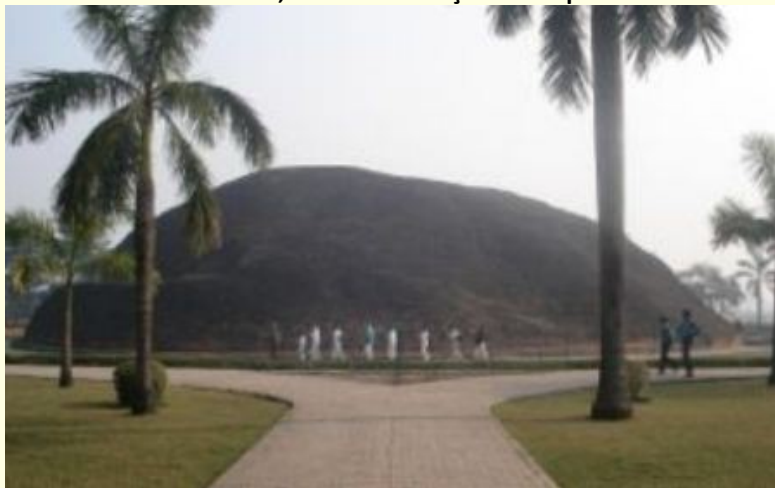


Imagem do Buda em seu Parinirvana.



Todas as informações e imagens obtidas de Wikipedia, a enclopédia livre.

Sravasti ou Savatthi, a Morada do Buda Shakyamuni

26/06/2008 at 7:22

Sravasti ou **Savatthi** está localizada às margens do rio Aciravati (agora chamado rio Rapti). Ela era a capital do reino de Kosala, e o seu rei era chamado Pasenadi, que foi um discípulo do Buda. É uma bela cidade com muita agricultura e diversidade. Segundo Buddhaghosa, um comentarista do Budismo Theravada do século 5, nos dias do Buda, existiram 57.000 famílias em Savatthi, e ela era a principal cidade do país de Kasi Kosala, o qual possuía uma extensão de 300 léguas e oitenta mil aldeias. Ele afirmou que a população de Savatthi era de cerca de 180 milhões de habitantes. A estrada de Rajagaha (antiga Rajagriha) para Savatthi passava por Vesali, tendo como locais de descanso, entre as duas cidades, Setavya, Kapilavatthu, Kusinara, Pava e Bhoganagara. Mais tarde, existiu uma estrada interligando o sul de Savatthi entre Saketa e Kosambi. Entre Saketa e Savatthi estava localizada Toranavatthu.

O **Buda Shakyamuni** passou a maior parte da sua vida monástica em Savatthi. Sua primeira visita a Savatthi foi a convite de Anathapindika, a quem ele conheceu em Rajagaha. Os principais monastérios em Savatthi eram o de **Jetavana** e o

de Pubbarama. Em Savatthi também ficava o monastério de Rajakarama, construído por Pasenadi, em frente a Jetavana. Não muito longe da cidade encontrava-se uma densa floresta chamada Andhavana, onde alguns monges e monjas passaram a viver. Para fora dos portões da cidade de Savatthi encontrava-se uma aldeia de pescadores com cerca de 500 famílias.

Jetavana em Savatthi



Savatthi é o lugar onde ocorreu o Duplo Milagre (em Pali: Yamaka Patihara), no qual o Buda fez uma demonstração dos

seus poderes transcendentais com a finalidade de silenciar certos fiéis de outras religiões que proclamavam que o Buda era incapaz de realizar milagres sobrenaturais. Comentários da tradição Budista dizem que Savatthi é o cenário do Duplo Milagre de cada Buda; tendo o Buda Shakyamuni, Siddharta Gautama, realizado estes milagres sob a árvore Gandamba.

Torre de Anathapindika em Savatthi



Textos e imagens obtidos de [Wikipedia](#), a enciclopédia livre.

Nalanda na época do Buda (500 A.C.)

04/07/2008 at 9:04

Menciona-se que o Buda esteve várias vezes em **Nalanda**. Quando ele visitava Nalanda, normalmente ele ficava no bosque das mangueiras de Pāvārika (a literatura Pali conta que o Príncipe Pavarika construiu um pequeno lugar no bosque das mangueiras e, em seguida, doou-o ao Buda), ocasião em que ele mantinha discussões com Upāli-Gahapati (convertido pelo Buda através dos seus poderes transcendentais), Dīghatapassī (também um monge jainista), com Kevatta, e também várias conversas com Asibandhakaputta (um venerável senhor de então, diz-se que era um chefe tribal).

O Buddha visitou Nalanda durante sua última turnê através Magadha, e foi lá que **Shariputra** emitiu o seu “rugido do leão”, afirmando a sua fé no Buda, pouco antes de sua morte. A estrada de Rājagaha (Rajagriha) a Nalanda passava por Ambalatthikā, e de Nalanda ela seguia para Pātaligāma. Entre Rājagaha e Nalanda ficava situada Bahuputta Cetiya, um santuário nas proximidades de Vesāli, ao norte daquela cidade.

Torre de Shariputra em Nalanda.



De acordo com o Sutra Kevatta (ou Kevaddha), na época de Buda, Nalanda já era uma cidade próspera e influente, densamente povoada, porém, foi só mais tarde que veio a tornar-se o centro de aprendizagem que a tornaria famosa depois. Existe um registro no Samyutta Nikaya (uma das cinco divisões do Sutra Pitaka), de que a cidade teria sido vítima de uma grave fome durante o tempo de Buda. **Shariputra**, discípulo braço direito do Buda, nasceu e morreu em **Nalanda**.

Outra vista da Torre de Shariputra em Nalanda.



Fonte: [Wikipedia](#), a enciclopedia livre.

Varanasi, o Primeiro Sermão

11/07/2008 at 9:15

De acordo com a lenda, a cidade de **Varanasi** (ou Benares) foi fundada pela deidade Hindu Shiva, por volta de 5.000 anos atrás, tornando-se assim um dos destinos de peregrinação mais importantes do país. É uma das sete cidades sagradas dos Hindus. Muitas escrituras Hindus, incluindo Rigveda, Skanda Purana, Ramayana e Mahabharata, descrevem a cidade.

Geralmente, acredita-se que Varanasi tenha cerca de 3.000 anos de idade. Varanasi foi um famoso centro comercial e industrial por suas fábricas de tecidos de musselina e seda,

perfumes, trabalhos em marfim e esculturas. Durante a época do Buda Sidharta Gautama (que nasceu cerca de 567 A.C.), Varanasi foi a capital do Reino da Kashimira. O célebre viajante chinês, Xuanzang, atestou que a cidade era um centro de atividades religiosas, educativas e artísticas, e que se estendia por cerca de 5 km ao longo da margem esquerda do Rio Ganges.

Varanasi é também um dos lugares mais sagrados do Budismo, sendo um dos quatro locais de peregrinações designados pelo próprio Buda Sidharta Gautama, (os outros são Kushinagar, Bodh Gaya, e Lumbini). Na parte residencial de Varanasi encontra-se **Sarnath**, o local do **Parque do Cervo**, onde se diz ter o Buda Sidharta Gautama proferido o seu **primeiro sermão** sobre os princípios básicos do Budismo. De acordo com o **Sutra de Lótus**, lê-se:

“Então, eles proferiram essas palavras: ‘Há muito tempo em **Varanasi**, o Buda **pela primeira vez** girou a roda da Lei. Agora, ele gira novamente a insuperável, a magnífica Roda da Lei’.

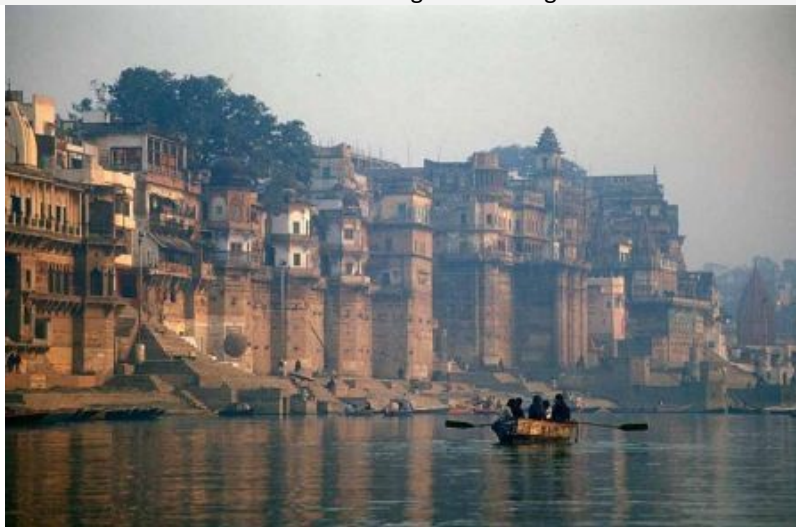
Naquela ocasião todos os seres celestiais, desejando reforçar o significado das suas palavras, falaram em versos dizendo:

‘Há muito tempo em **Varanasi**,
Tu giraste a Roda da Lei das Quatro Nobres Verdades,

discriminadamente pregando sobre a criação e extinção de todos os fenômenos compostos pelos cinco elementos.
Agora, novamente,
Tu giras aquela maravilhosa e insuperável Grande Roda da Lei,
pregando uma Lei profunda, insondável,
e que poucos são os que podem compreendê-la'."

Sutra de Lótus **CAP. 03: A Parábola**

Varanasi às margens do Ganges



Fonte dos textos e imagens: **Wikipedia**, a enciclopédia livre.

Monte Gridhrakuta, o Pico da Águia

17/07/2008 at 9:07

Esta colina é citada nos textos dos cânones Budistas como um dos locais frequentados pelo Buda quando em Rajgir (**Rajagriha**); sendo que vários eventos notáveis, inclusive um atentado à sua vida perpetrado pelo seu maldoso primo Devadatta, ocorreram lá. A tradição Mahayana vai mais longe, uma vez que um grande número dos seus textos, sendo o **Sutra de Lótus** o mais célebre deles, supostamente teriam sido pregados como sermões lá. Como tal, tornou-se um dos principais destinos para os peregrinos, tanto nos tempos antigos como nos atuais. Descrita por Faxian e Xuanzang, foi identificada em fins do século XIX como uma colina situada ao leste da antiga **Rajagriha**.

Citação do local no **Sutra de Lótus**:

“Naquela ocasião, o Buda residia no Monte **Gridhrakuta**, próximo à cidade do Palácio dos Reis (**Rajagriha**), junto com uma congregação de grandes Monges, vinte mil ao todo. Todos eram Arhats que haviam eliminado todos os desejos e não tinham mais sofrimentos. Tendo atingido o auto-conhecimento, eles haviam eliminado os elos da existência e suas mentes haviam atingido a emancipação”.

CAP. 01: Introdução



Monte Gridhrakuta em Rajagriha

Fonte das imagens e textos: [Wikipédia](#), a enciclopedia livre.

Kosambi, o Pilar de Ashoka

23/07/2008 at 8:51

Na época do Buda, **Kosambi** era evidentemente uma cidade de grande importância em razão de Ananda mencioná-la como um dos locais adequados para o Parinirvana do Buda. Ela foi também o mais importante entreposto para o tráfego proveniente de Kosala e Magadha a partir do sul e do oeste da Índia.

A cidade encontrava-se a trinta léguas de Benares através do rio. Próximo a Kosambī, ao longo do rio, estava o Parque de Udena, o Udakavana, onde Ananda e Pindola Bharadvaja pregaram para as mulheres do palácio de Udena em duas ocasiões diferentes. Menciona-se que o Buda esteve uma vez no Simsipavana em Kosambi . Maha Kaccana viveu em um bosque próximo a Kosambi após a realização do primeiro Conselho Budista.

Kosambi também estava próxima de Allahabad. Foi uma grande cidade histórica, a qual testemunhou vários eventos importantes na vida do Buda. Ali encontram-se o **Pilar de Ashoka** e as ruínas do Ghositarama, que foi originalmente construído durante a vida do Buda. As ruínas das antigas muralhas da cidade também são notáveis. O Museu de Allahabad e o Museu Arqueológico no Departamento de

História Antiga da Universidade de Allahabad possuem a maior parte das antiguidades descobertas em **Kosambi**. O acervo compreende uma fina coleção de esculturas hindus, budistas e jainistas.

Pilar de Ashoka em Kosambi



Fontes: [Wikipedia](#), a enciclopédia livre e [Buddhist Tours India](#)

As Montanhas Sagradas do Budismo na China

31/07/2008 at 9:19

As **Montanhas Sagradas da China** estão divididas em dois grupos associados com Taoísmo e o Budismo, respectivamente. O grupo associado com Taoísmo é conhecido como as Cinco Grandes Montanhas, enquanto que o grupo associado

com o Budismo é referido como as **Quatro Montanhas Sagradas do Budismo**.



As montanhas sagradas de ambos os grupos foram importantes destinos de peregrinações. A título de curiosidade, a expressão chinesa para peregrinação (cháoshèng) é uma versão abreviada de uma expressão que significa literalmente “visita em reverência a uma montanha sagrada” (cháobài shèng shān). No mapa das montanhas sagradas da China, círculos vermelhos demarcam o grupo Taoísta, e as estrelas magenta demarcam o grupo Budista.

As **Quatro Montanhas Sagradas do Budismo na China** são:

- **Wutai Shan** (Montanha (Planalto) dos Cinco-Terraços), em Shanxi, a 3058 m.
- **Emei Shan** (Montanha das Delicadas-Sobrancelhas), em Sichuan, a 3099 m.
- **Jiuhua Shan** (Montanha das Nove Glórias), em Anhui, a 1341 m.
- **Putuo Shan** (Montanha de Potalaka), em Zhejiang, a 284 m.

Templo Superior de Daxiong Baodian em Jiuhua Shan



Fonte dos textos e imagens: [Wikipedia](#), a enciclopédia livre.

Enryaku-ji

11/08/2008 at 9:20

Enryaku-ji é um monastério no Monte Hiei, nos arredores de Kyoto, que foi fundado durante o final do século 8 e início do século 9 por **Saichō** (767-822), também conhecido como **Dengyō Daishi**, que introduziu a seita **Tendai** no Japão a partir da China. Sendo um dos mais importantes monastérios da história japonesa, serviu como (e ainda é) sede da seita Tendai, a seita Budista que era popular entre a aristocracia da época e serviu como base para uma série de seitas que seriam fundadas mais tarde, incluindo as seitas da **Terra Pura**, **Zen** e as seitas seguidoras de **Nitiren Daishonin**.

História

Com o apoio do Imperador Kammu, Saichō ordenou uma centena de discípulos em 807. Mantendo uma disciplina rigorosa no Monte Hiei, seus monges viviam em isolamento durante doze anos de estudos e meditação. Após este período de estudo, os melhores pupilos eram mantidos em cargos no monastério, e outros eram investidos em cargos no governo e na corte imperial. No auge de seu poder, **Enryaku-ji** foi um enorme complexo com cerca de 3000 sub-tempos e um poderoso exército de monges guerreiros (Sōhei) que eram ocasionalmente envolvidos em lutas pelo poder com outros

monastérios e líderes políticos. No século 10, eclodiu uma sucessão de disputas entre os monges da Tendai das linhas de Ennin e Enchin.

Pagode no Templo Enryaku



Estas disputas resultaram em centros Tendai opostos no Monte Hiei, o sanmon (Ordem da Montanha) e, em Miidera, o jimon (Ordem do Templo). Os monges guerreiros foram utilizados para resolver os litígios, e líderes da Tendai começaram a contratar exércitos mercenários que ameaçavam os rivais e até mesmo marcharam sobre a capital para fazer valer as demandas monásticas.

Como parte de um programa para neutralizar todos os potenciais rivais e unificar o país, o comandante Oda Nobunaga encerrou esta militância budista em 1571, atacando e destruindo a maioria das edificações e monges de **Enryaku-ji**. Os atuais edifícios datam a partir da segunda metade do século 16, até a primeira metade do século 17, quando o templo foi reconstruído após uma mudança de governo.

Fonte: [Wikipedia](#), a enciclopédia livre.

As Cavernas Budistas de Ellora

18/08/2008 at 9:59

[Ellora](#) é um sítio arqueológico, a 30 km da cidade de [Aurangabad](#), no Estado indiano de Maharashtra, construído pela Dinastia [Rashtrakuta](#). Famosa pelas suas monumentais cavernas, Ellora é um Patrimônio Mundial.

Ellora representa o epítome da arquitetura esculpida em pedra Indiana. As 34 “cavernas” – na realidade estruturas escavadas na face vertical das colinas de Charanandri – compreendendo templos e monastérios budistas, hindus e jainistas; foram construídas entre os séculos 5 e 10. As 12 cavernas Budistas (de 1 a 12), 17 cavernas hindus (de 13 a 29) e as 5 cavernas Jainistas (de 30 a 34), construídas próximas umas das outras, demonstram a harmonia religiosa prevalente durante este período da história indiana.

Caverna 12 de Ellora

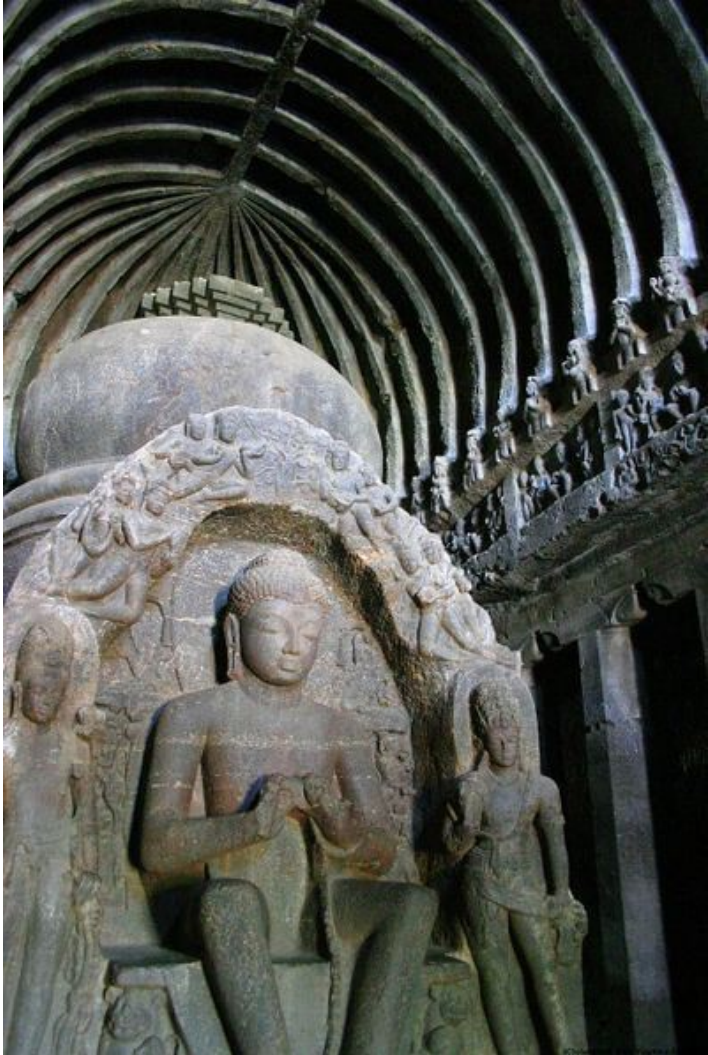


As cavernas budistas foram as primeiras estruturas, criadas entre o século 5 e o século 7. Estas consistem, em sua maior parte, de **viharas** ou monastérios: são grandes edifícios com múltiplos pavimentos (como a Caverna 12) esculpidos na face da montanha, incluindo áreas de convívio, dormitórios, cozinhas, e outras dependências.

Algumas destas cavernas-monastérios têm santuários abrigando esculturas do Buda, Bodhisattvas e Santos. Em muitas delas, os escultores envidaram esforços no sentido de dar a aparência de madeira à pedra.

Mais famosa dentre as cavernas Budistas, a caverna 10 é popularmente conhecida como a “Caverna do Carpinteiro”. Para além da sua entrada de múltiplos pavimentos encontra-se um hall no estilo de uma catedral, também conhecido como **chaitya**, em cujo teto foram esculpidos arcos dando a impressão de vigas de madeira. No centro desta caverna encontra-se uma estátua do **Buda** de 15 pés, sentado em postura de pregação.

Caverna 10 de Ellora



Fonte: [Wikipedia](#), a enciclopédia livre.

O Pagode de Shwedagon

11/09/2008 at 10:05

A Lenda diz que o Pagode de **Shwedagon** tem 2500 anos de idade. Arqueólogos acreditam que a torre foi realmente construída entre os séculos 6 e 10 pelos Mon (um grupo étnico originário da Birmânia [Burma ou Myanmar]), mas esta é uma questão muito controversa, pois, de acordo com os registros dos Monges Budistas, ela foi construída antes da morte do Lorde Buda 486 A.C. A história do Pagode de Shwedagon começa com dois irmãos mercadores, Taphussa e Bhallika, da terra de Ramanya, que estiveram com o Lorde Buda Gautama e receberam dele oito fios de cabelo para serem consagrados na Birmânia. Os dois irmãos fizeram seu caminho de volta para a Birmânia e com a ajuda do rei local, o Rei Okkalapa, encontraram Singuttara Hill, onde as relíquias de outros Budas anteriores ao Buda Gautama tinham sido consagradas. Quando os cabelos foram retirados de um porta-jóias dourado para serem consagrados, algumas coisas incríveis aconteceram:

O Pagode de Shwedagon



“Houve um tumulto envolvendo homens e espíritos, raios emitidos pelos Cabelos penetraram os céus acima, e os

infernos abaixo ... os cegos enxergaram objetos ... os surdos ouviram sons ... mudos falaram ... a terra tremeu ... os ventos do oceano sopraram ... O Monte Meru agitou-se ... flashes luminosos foram emitidos ... choveram gemas preciosas cobrindo o chão até a altura dos joelhos ... todas as árvores do Himalaia, embora não fosse época, floresceram e frutificaram”.

A torre caiu em ruínas até aos anos 1300, quando o rei Mon Binnya U de Bago reconstruiu a torre a uma altura de 18 metros (60 ft). Ela foi reconstruída várias vezes até atingir a sua altura atual de 98 metros (320 pés) no século 15.

Fonte: [Wikipedia](#), a enciclopédia livre.

Lumbini, o Exato Local do Nascimento de Buda Shakyamuni

17/09/2008 at 8:59

Lumbini está localizada no distrito de Kapilavastu, no Nepal, próxima à fronteira com a Índia. É o local onde se diz ter a Rainha Mayadevi dado à luz Siddharta Gautama, aquele que, como **Buda Shakyamuni**, daria origem à tradição Budista. O Buda viveu por volta dos anos de 563 e 483 A.C. Lumbini é um dos quatro mais importantes destinos de peregrinações para

os Budistas, segundo o próprio Buda, ao lado de Kushinagar, Bodh Gaya, e Sarnath.

Lumbini, o exato local do nascimento de Buda



Lumbini está localizada no sopé do Himalaia, 25 km a leste do município de Kapilavastu, onde se diz ter o Buda vivido até idade de 29 anos. Ali se encontram vários templos, entre os quais o Templo Mayadevi, e outros em construção. Ali também se encontram o Puskarini ou Lago Sagrado – onde a

mãe do Buda realizou o ritual antes do seu nascimento e onde ele, também, tomou o seu primeiro banho – bem como as ruínas do Palácio de Kapilavastu.

Na época do Buda, Lumbini era um parque situado entre Kapilavastu e Devadaha. Nos dias de hoje, um pilar demarca o ponto da visita de Ashoka a Lumbini. De acordo com uma inscrição no pilar, ele foi colocado lá pelos encarregados do parque para comemorar a visita e a doação de Ashoka.

O lugar sagrado de Lumbini está cercado por uma extensa zona monástica, onde somente mosteiros podem ser construídos; sem lojas, pontos de comércio, hotéis ou restaurantes. Divide-se em duas zonas monásticas, oriental e ocidental, sendo que na zona oriental se encontram os mosteiros Theravada, e na ocidental se encontram os mosteiros Mahayana e Vajrayana.

Naquele local sagrado também se encontram ruínas de antigos mosteiros, uma sagrada árvore Bodhi, um antigo lago para banho, o pilar de Ashoka e o Templo Mayadevi; onde o preciso local do nascimento de Buda está demarcado. Das primeiras horas da manhã às últimas horas da tarde, peregrinos de vários países realizam cânticos em orações e meditação no local.

Fonte: [Wikipedia](#), a enciclopédia livre.

Taisekiji, Meus Vinte Anos de Tozan

19/09/2008 at 9:22

Tozan é como se designa **peregrinação** em japonês. Realizei essa peregrinação entre 18 e 29 de setembro de 1988, como membro da Nitiren Shoshu do Brasil. Lá, diante do Supremo Santuário, fiz sinceros votos de dedicar-me à propagação do Budismo no Brasil, o que tenho feito dentro das minhas limitações de um estudioso leigo, mas com o máximo de sinceridade e honestidade.

Taisekiji, Meus Vinte Anos de Tozan



De retorno ao Brasil, após a peregrinação, um amigo de Campinas-SP, Sr. Koichi Kawakami, recomendou-me não esperar “milagres” em minha vida, ou recompensas de quaisquer espécies, como uma retribuição pelos esforços por mim empreendidos para a realização de tal façanha. Disse-me, naquela época, que os principais benefícios de uma devoção sincera ao Dai Gohonzon do Supremo Santuário seriam imperceptíveis aos olhos humanos, e intangíveis pelos nossos sentidos; mas que, depois de 20(vinte) anos, esses benefícios se traduziriam numa grande mudança em minha vida. É surpreendente como, hoje, posso perceber que meus sinceros votos não foram em vão. Prezado Sr. Kawakami, nunca esqueci as suas palavras de então. Meus sinceros agradecimentos.

O Taisekiji, oficialmente Tahō Fuji Dai-Nichirengesan Taisekiji, foi estabelecido em outubro de 1290 (3º ano da era Shō-o) pelo 2º Sumo Sacerdote, Byakuren Ajari Nikkō Shōnin, que sucedeu o fundador, Nichiren Daishōnin, na propagação da doutrina. Esta denominação, Taisekiji, deriva de Ōishigahara, nome da localidade em que está estabelecido. O proprietário da área era Shichirō Jirō Tokimitsu Nanjo, o senhor da região de Fuji Ueno. É um local sagrado que deu a origem do Templo Principal **Taisekiji**. Há registro de que esse nome veio da forma da construção que era dividida em 6 cômodos.

O atual Mutsubô foi reconstruído em 1988 (63º ano Shôwa), uma iniciativa do 67º Sumo Prelado Nikken Shonin, em comemoração aos 700 anos da Fundação do Templo Principal Taisekiji.

Informações sobre Templo Taisekiji obtidas do site da [Nitiren Shoshu](#), visite-o para maiores detalhes.

Sri Dalada Maligawa, o Templo da Relíquia do Dente Sagrado

06/10/2008 at 9:03

O **Sri Dalada Maligawa** ou o **Templo da Relíquia do Dente Sagrado** na cidade de Kandy no Sri Lanka foi construído dentro do complexo do palácio real e abriga a única relíquia remanescente do Buda, um dente, que é venerado pelos Budistas.

A chegada da Relíquia do Dente Sagrado no Sri Lanka

A última tentativa de um país vizinho de fazer guerra com Guhasiva (então governante de Kalinga) para a posse do Dente fez com que esta venerada relíquia deixasse a costa Indiana.

Naquela ocasião, o budismo estava bem enraizado no Sri Lanka, e os governantes insulares mantinham estreitas relações com os Estados Indianos que fomentavam o Budismo. Por esta razão, o governante de Kalinga, em perigo iminente de perder a batalha, decidiu enviar a relíquia do Dente para o Rei do Sri Lanka, cujos ascendentes eram de Kalinga, o atual Orissa.

Danta e Hemamala, vestidos como peregrinos (obra de Solius Mendis)



Após cerca de oito séculos de sua permanência na Índia, a relíquia do Dente foi levada secretamente por Danta e Hemamala, segundo se diz, respectivamente, o genro e a filha de Guhasiva. Obras literárias como Dathavamsa, Daladasirita e a crônica Mahavamsa, registram muitas e variadas vicissitudes que o casal passou através da sua rota para o Sri Lanka, a fim de salvaguardar a relíquia. Registra-se que o Príncipe e a Princesa vestiram-se de ascetas e carregaram a relíquia escondida dentro do penteado de Hemamala para não serem notados pelos transeuntes. Um bem conhecido mural do século XX, no mosteiro Kelaniya (cerca de 5 milhas a leste de Colombo), ilustra este episódio num estilo clássico executado por um artista local (Solius Mendis).

Diz-se que Danta e Hemamala embarcaram em um navio no antigo porto de Tamralipti, um movimentado porto naquela época, localizado na foz do rio Ganges, e atingiram a costa do Sri Lanka no porto de Lankapattana (atual Ilankeiturai) no Distrito de Trincomalee. Relata-se que a relíquia operou vários milagres no próprio navio em sua viagem, sendo, assim, venerada tanto pelos seres humanos como pelos seres celestiais. A Relíquia do Dente finalmente chegou à capital do Sri Lanka, Anuradhapura, e de acordo com os textos cingaleses, Dalada Sirita, a Relíquia foi colocada no Megagiri vihara no parque Mahameghavana.

Por ocasião da sua chegada, o Rei Mahasena, amigo do governante indiano Guhasiva, havia morrido e seu filho, o rei Kirti Sri Meghavanna (4 º século D.C.), que era um budista devoto, o sucedeu. A Relíquia do Dente foi bem recebida pelo rei e colocada no seu próprio trono com muita veneração. A crônica Mahavamsa relata que o Rei mantinha com muita fé a relíquia do Dente consagrada num edifício chamado Dhammacakkageha, originalmente construído pelo Rei Devanampiyatissa no 3 º século A.C., dentro do recinto real (Rajavatthu). O rei construiu um santuário especial e consagrou a **Relíquia do Dente** ali. Este santuário foi agora identificado como sendo o arruinado edifício ao lado do grande refeitório conhecido como Mahapali.

A relíquia é também um dos 80 tesouros expostos em “A Volta ao Mundo em 80 Tesouros”, série apresentada por Dan Cruickshank.

Vista externa do Templo da Relíquia do Dente Sagrado



Fonte das imagens e textos: [Wikipedia](#), a enciclopédia livre.

Kesariya, a Terra do Sutra Kalama

06/11/2008 at 8:21

[Kesariya](#) é uma pequena cidade no estado de Bihar, na Índia. Ela é famosa por ser o lugar onde, possivelmente, encontra-se a maior torre votiva da Índia, construída pelo Rei Ashoka. Na época do Buda, Kesariya era chamada Kesaputta. Ela foi um município de [Kosala](#) (antiga região da Índia) e a residência dos

Kalamas. O Buda esteve lá certa vez, ocasião em que ele pregou os sutras Kesaputtiya (um conjunto de sutras pregados para os Kalamas de Kesaputta), dentre os quais está o famoso [Sutra Kalama](#) (click sobre o nome para saber mais sobre este sutra).

A Torre de Kesariya



Fonte dos textos e imagem: [Wikipedia](#), a enciclopédia livre.

Sankassa

04/04/2011 at 8:29

A fama de [Sankassa](#) se origina de declarações e afirmações registradas em antigos comentários do [Tipitaka](#). (Sânskrito: [Tripitaka](#) – literalmente significando ‘três cestos’).

Os ‘três cestos’ são como segue:

1. [Vinaya Pitaka](#) ('Cesto da Disciplina Monástica'), tratando das regras monásticas para monges e monjas;
2. [Sutta Pitaka](#) ('Cesto dos Sutas/Provérbios), discursos e preleções atribuídos ao Buda, em sua maioria, mas também aos discípulos;
3. [Abhidhamma Pitaka](#), tratados abrangendo os campos da filosofia, psicologia, metafísica, etc.

Todavia, no Tipitaka em si, os eventos que supostamente teriam ocorrido em Sankassa não são mencionados no seu todo.

Sankassa - outdoors.webshots.com



Foi em Sankassa que (de acordo com os comentários) o Buda retornou à terra após pregar o Abhidhamma Pitaka no Céu Trayastrimsa, cujo evento ocorreu após a realização do “Duplo Milagre” sob a árvore Gandamba.

Ao aproximar-se a ocasião de o Buda deixar o Céu Trayastrimsa, [Maudgalyayana](#) anunciou seu retorno para a multidão que esperava em [Sravasti](#) (Savatthi), sendo alimentados por Culla Anathapindika (que teria provido a multidão de comida por três meses enquanto esperavam em assembleia a descida do Buda do Céu Trayastrimsa, após a sua pregação do Abhidhamma Pitaka), enquanto Maudgalyayana expunha o Dharma. Eles então seguiram para Sankassa.

A descida do Buda aconteceu no dia do festival da Lua-Cheia (Mahapavarana). Sakra-Indra forneceu três escadas para a descida do Buda do (Monte) Sumeru (em cujo pico encontra-se o Céu Trayastrimsa) para a terra: à direita estava uma escada de ouro para os deuses; à esquerda uma escada de prata para Maha Brahma e seu séquito; e ao meio uma escada de jóias para o Buda. As pessoas em assembleia cobriam uma área de trinta léguas sobre a terra. Havia uma clara visão dos nove mundos de Brahma acima, e do inferno Avichi abaixo. O Buda estava acompanhado por Pañcasikha, Mátali, Mahá Brahmá and Suyáma. Shariputra foi o primeiro a dar-lhe boas vindas (seguido por Uppalavanna), e o Buda pregou a Lei,

começando pelo que estava ao alcance da compreensão até mesmo de uma pessoa mundana, e terminando com aquilo que somente um Buda poderia compreender.

Naquela ocasião foi pregado o Parosahassa Játaka para proclamar à multidão a sabedoria incomparável de Shariputra. Foi dito também que a descida do Buda em Sankassa havia provido a oportunidade para Maudgalyayana demonstrar a sua eminência nos poderes sobrenaturais (iddhi), Anirudha no olho celestial (dibbacakkhu), e Purna na habilidade de pregação. O Buda desejava conceder a Shariputra uma chance de brilhar em sua sabedoria. Assim, ele indagou a Shariputra questões que ninguém poderia responder. As palavras de abertura do Sutra Shariputra supostamente se referem a essa ocasião.

O local do portão da cidade de Sankassa é um dos pontos 'imutáveis' do mundo (avijahitathanam). Todos os Budas descem naquele ponto ao mundo dos humanos após pregarem o Abhidhamma. De Sankassa, o Buda foi para [Jetavana](#).

Uma torre votiva foi erigida no ponto onde o pé direito do Buda tocou pela primeira vez o solo de Sankassa. Quando os peregrinos chineses, Hiouen Thsang e Fa Hien, visitaram o lugar, eles encontraram três escadas, as quais haviam sido construídas de tijolos e pedras pelos ancestrais, para

comemorar a descida do Buda, mas essas escadas estavam praticamente soterradas.

fonte: Wikipedia – A Enciclopédia livre – [Sankassa](#)

PARTE II - HISTÓRIA NOS LUGARES SAGRADOS

A História do Castelo de Kushinagar

17/11/2010 at 17:04

Templo do Parinirvana em Kushinagar - Imagem via Wikipedia



Rugido do Leão disse: “Oh Honrado pelo Mundo! Há seis grandes castelos nos dezesseis grandes estados [isto é, os estados do Ganges ou cidades-castelo nos tempos do Buda], a saber: [Sravasti](#), [Saketa](#), Campa, [Vaisali](#), [Varanasi](#) e [Rajagriha](#). Esses grandes castelos são os maiores no mundo. Por que é que o [Tathagata](#) deixa esses lugares com a intenção de entrar

no **Nirvana** neste distante, ruim, muito feio e pequeno Castelo de [Kushinagar](#)?”

“Oh bom homem! Não diga que Kushinagar é um castelo distante, ruim, muito feio e pequeno. Esse castelo é adornado com maravilhas e virtudes. Por quê? Porque esse é um lugar que todos os Budas e [Bodhisattvas](#) têm visitado. Oh bom homem! Mesmo a casa de uma pessoa humilde pode ser chamada de ‘grande e perfeita na virtude’, digna da visita de um grande rei, caso aconteça de ele vir e passar por lá. Oh bom homem! [Imagine] uma pessoa que está seriamente doente e que toma um remédio sujo e ruim. Sua doença é curada, a alegria surge, e esse remédio se torna o melhor e mais maravilhoso [dos remédios]. Ela o elogia e diz que ele realmente curou a sua doença.

Oh bom homem! Um homem está num navio no grande oceano. Subitamente, o navio se parte, e não há nada com que se possa contar. O homem agarra-se a um cadáver e procura a outra margem. Alcançando a outra margem, ele encontra-se feliz e elogia enormemente o cadáver, dizendo que ele teve sorte de encontrá-lo e seguramente encontrou a paz. É o mesmo caso com o Castelo de Kushinagar, o qual todos os Budas e Bodhisattvas têm visitado. Como alguém poderia dizer que ele é um castelo distante, ruim, acanhado e pequeno?

Oh bom homem! Lembro-me que certa vez, em tempos remotos, há muitos kalpas atrás tão inumeráveis quanto às areias do Rio Ganges, houve uma era chamada de kalpa 'Suprabuda'. Naquela ocasião, existiu um rei sagrado chamado Kausika. Totalmente dotado dos Sete Tesouros e 1.000 filhos, esse rei construiu então este castelo. Ele media 12 yojanas na largura e no comprimento. Era adornado com os Sete Tesouros. O solo era bom. Havia rios aqui, cujas águas eram puras e límpidas, e de doce sabor. Eles eram: Nairanjana, Airavati, Hiranyavati, Usmodaka, e [Vipasa](#). Havia cerca de 500 outros rios. Ambas as margens eram preenchidas com árvores frondosas que davam flores e frutas, todas frescas e puras. Naquela ocasião, a duração da vida de uma pessoa era imensurável. Então, passados 100 anos, o Chakravartin [poderoso imperador] disse: 'Exatamente como o Buda diz, todas as coisas são não-eternas. Alguém que pratique as dez boas ações acaba com todas as aflições do não-eterno'. As pessoas, ao ouvirem isto, todas praticaram as dez boas ações. Eu, naquela ocasião, ao ouvir o nome do Buda, pratiquei as dez boas ações, meditei e aspirei ao Insuperável Bodhi [Iluminação]. Ao aspirar, também transferi esse **Dharma** aos inumeráveis e ilimitados seres e disse que todas as coisas são não-eternas e estão sujeitas às mudanças e dissolução. Em razão disto, Eu agora continuo e digo que todas as coisas são não-eternas, são aquelas que mudam e se dissolvem, e que somente o Corpo-do-Buda é Eterno. Lembro-me do que fiz através das relações causais. Esse é o porquê agora vim aqui,

pretendo entrar no Nirvana e retribuir o que devo a este lugar. Por essa razão, Eu digo no sutra: ‘Meus parentes sabem como retribuir o que eles me devem’.”

Sutra do Nirvana, Capítulo 36, sobre o Bodhisattva Rugido do Leão 4.

[the kushinagar castle history.mp3](http://the.kushinagar.castle.history.mp3)

A História do Castelo de Kapilavastu

22/11/2010 at 15:27

Ruínas do Portão Leste do Castelo de Kapilavastu no Nepal. Imagem via Wikipedia



“Oh bom homem! Relembro, após inumeráveis anos, uma cidade-castelo chamada [Kapilavastu](#). Naquele castelo, viveu um rei chamado [Suddhodana](#). Sua consorte era chamada [Maya](#). Eles tinham um Príncipe que era chamado Siddhartha. O Príncipe, naquela ocasião, não teve professores. Ele buscou a Via por si mesmo e atingiu o Insuperável Bodhi. Ele tinha dois discípulos, Shariputra e Mahamaudgalyayana. O discípulo que assistia o Príncipe era chamado [Ananda](#). Naquela ocasião, sob as árvores sala, ele proferiu o sermão do Sutra do Grande Nirvana. Naquele tempo, eu era um dos congregados e fui capaz de testemunhar aquele sermão. Lá, foi-me dito que todos os seres possuíam a **Natureza de Buda**. Ao ouvir isto, eu fiquei irreduzível no Bodhi. Então, fiz um voto: ‘Se eu atingir o Estado de Buda nos dias que virão, será como agora. Serei um mestre para meu pai, minha mãe e para a nação; os nomes dos discípulos e assistentes também serão os mesmos, exatamente como as coisas se estabelecem com o presente Honrado-pelo-Mundo. Nada será diferente’. Esse é o porquê agora estou aqui e estou proferindo esse sermão do Sutra do Grande Nirvana.”

Sutra do Nirvana, Capítulo 36, sobre o [Bodhisattva](#) Rugido do Leão 4.

[the kapilavastu castle history.mp3](#)

A História do Monastério de Jetavana

24/11/2010 at 10:46

Vista externa do Monastério de Jetavana, em Sravasti - Índia - Imagem via
Wikipedia



“Então, Shariputra foi para [Sravasti](#), cavalgando junto com Sudatta. Através do meu poder transcendental, eles chegaram ao seu destino em um dia. Então, Sudatta disse a Shariputra: ‘Oh Altamente Virtuoso! Afora deste portão, há um lugar bem adequado para a finalidade. Não é próximo e nem distante,

onde há muitas nascentes e lagos, muitas florestas com flores e frutos; e o lugar é puro, quieto e amplo. Construirei Viharas [monastérios - locais de residência] lá para o Buda e seus Monges'. Shariputra disse: 'A floresta do Príncipe Jeta não é próxima e nem distante. É pura e quieta. Há muitas nascentes e córregos. Há flores e frutos da estação. Esse é o melhor lugar. Construamos um Vihara lá'.

Então, ao ouvir isto, Sudatta foi ao grande homem rico, Jeta, e lhe disse: 'Eu agora desejo construir um Vihara Budista e dedicá-lo a alguém insuperável no [Dharma](#), em um lugar que lhe pertence. Agora desejo comprá-lo de você. Você o venderia para mim'? Jeta disse: 'Não o venderei, mesmo que você cubra o chão com ouro'. Sudatta disse: 'Bem falado! A floresta pertence a mim. Tome meu ouro'. Jeta disse: 'Não estou vendendo a floresta para você. Como posso pegar o seu ouro'? Sudatta disse: 'Se você não estiver satisfeito, irei ao magistrado'. E ambos foram juntos ao magistrado. O magistrado disse: 'A floresta pertence a Sudatta. Jeta deve pegar o ouro'. Sudatta imediatamente enviou homens com cargas de ouro sobre carroças e cavalos. Quando chegaram, ele cobriu o chão com ouro. Em um único dia viu-se uma área de 500 'bu' [unidade de medida de terra Chinesa, em torno de 6 ou 6.4 pés] coberta; e ainda não estava tudo coberto. Jeta disse: 'Oh homem rico! Se você tem algum arrependimento dentro de você, está completamente livre para cancelar o negócio'. Sudatta disse: 'Não sinto qualquer arrependimento'.

Ele pensou para si qual dos depósitos ele abriria agora para obter ouro para a área ainda deixada sem cobertura. Jeta pensou para si: ‘O [Tathagata](#), Rei do Dharma, é realmente alguém insuperável. As coisas maravilhosas que ele ensina são puras e imaculadas. Esse é o porquê esse homem pensa assim tão despreocupadamente sobre este tesouro’. Ele então disse a Sudatta: ‘Não necessito agora de qualquer ouro para o que permanece descoberto. Por favor, pegue-o. Eu mesmo construirei um portão para o Tathagata, tal que ele possa entrar e sair dele’. Jeta construiu o portão e, em sete dias, Sudatta construiu um grande Vihara numa área de 300 ‘ken’ [o ‘ken’ mede cerca de 6 pés] na largura e no comprimento. Havia quartos para meditação silenciosa em número de 63. Os aposentos eram diferentes para o inverno e para o verão. Havia cozinhas, banheiros, e um lugar para lavar os pés. Havia dois tipos de lavatórios.

Concluídas as construções, ele (Sudatta) pegou um incensório e, apontando na direção de [Rajagriha](#), disse: ‘As obras estão completas agora. Oh Tathagata! Por favor, tenha piedade e ocupe este lugar, e fique (viva) aqui para o bem dos seres’. Tão logo li o pensamento desse homem rico à distância, parti de Rajagriha. No curto espaço de tempo que leva um homem forte e jovem para dobrar e estender seu braço, viajei para Sravasti, para [Jetavana](#), e tomei posse do **Monastério de Jetavana**. Quando cheguei ao local, Sudatta o dedicou-me. Eu então o recebi e o habitei”.

Sutra do Nirvana, Capítulo 36, sobre o [Bodhisattva](#) Rugido do Leão 4.

[the jetavana vihara history.mp3](http://thejetavanaviharahistory.mp3)

O Rei Suddhodana e a Rainha Maya – O Cenário

01/08/2011 at 8:02

Remanescentes da cidade Kapilavastu. Imagem via Wikipedia



O Cenário

Serena e magnífica era esta cidade onde outrora habitou o grande eremita [Kapila](#). Parecia ser edificada a partir de fragmentos do céu: as muralhas eram como nuvens de luz, e

suas edificações e jardins irradiavam um esplendor divino. Pedras preciosas cintilavam em todos os lugares. Para dentro de seus portões, a escuridão era tão pouco conhecida quanto à pobreza. À noite, quando raios prateados de luar tocavam cada torre, a cidade tornava-se parecida com um lago de lírios; ao dia, quando os terraços eram banhados pela luz dourada (do sol), a cidade tornava-se parecida com um lago de lótus.

O Rei [Suddhodana](#) reinou em [Kapilavastu](#). Ele era o seu mais brilhante ornamento. Era gentil e generoso, modesto e justo. Ele perseguiu seus mais valentes inimigos, os quais caíram diante dele na batalha como elefantes abatidos por [Indra](#); e como a escuridão é dissipada pelos penetrantes raios de sol, assim os ímpios foram vencidos pela sua glória radiante. Ele trouxe a luz para o mundo, e apontou o verdadeiro caminho para aqueles que estavam juntos a ele. Sua grande sabedoria atraíram-lhe muitos amigos, muito corajosos, amigos sagazes, e assim como as luzes das estrelas intensificam o brilho da lua, intensificava-se o brilho do seu esplendor.

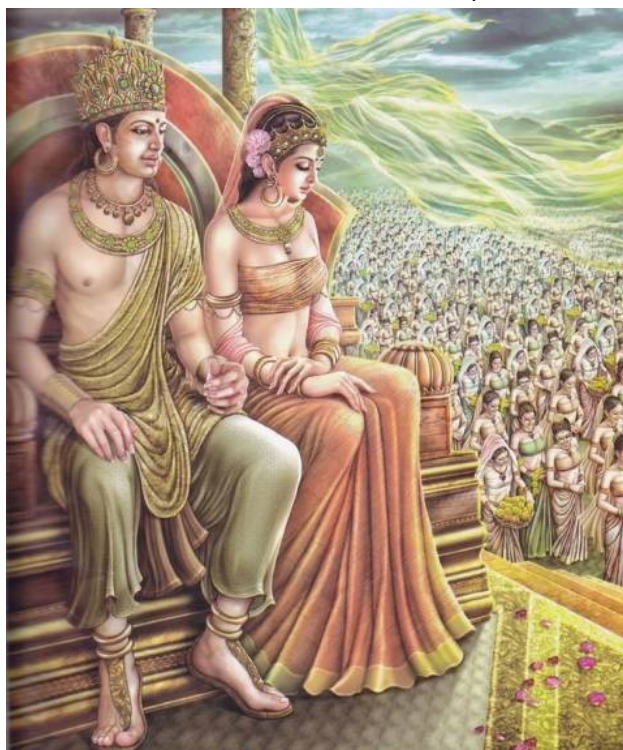
Suddhodana, Rei do Clã dos [Shakyas](#), havia desposado muitas rainhas. Sua favorita dentre aquelas era [Maya](#). Ela era muito bela. Era como se a própria Deusa Lakshmi devaneasse pelo mundo. Quando ela falava, era como o cântico dos pássaros na primavera, e suas palavras eram doces e agradáveis. Seus cabelos eram da cor da abelha negra; sua fronte tão casta quanto um diamante; seus olhos tão ternos quanto uma

jovem folha do lótus azul; e nenhuma carranca demarcava as curvas requintadas das suas sobrancelhas.

Era virtuosa. Desejava a felicidade de seus súditos; era atenciosa quanto aos preceitos piedosos (recebidos) de seus professores. Era verdadeira, e sua conduta exemplar.

O Rei Siddhodana e a Rainha Maya viveram felizes e tranquilamente em **Kapilavastu**.

Rei Siddhodana e a Rainha Maya



A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

O Nascimento de Siddhartha

08/08/2011 at 8:25

Meses passaram. Então, certo dia, a rainha sabia que a hora se aproximava para o nascimento do seu filho. Ela foi ao [Rei Suddhodana](#), e disse-lhe:

“Meu senhor! Gostaria de caminhar feliz pelos jardins. Pássaros estão a cantar nas árvores, e o ar cintila com polens de flores. Gostaria de caminhar feliz pelos jardins.”

“Mas isto a cansará, oh rainha“, respondeu Suddhodana. “Você não tem medo?”

“O ser inocente que carrego em meu útero deve nascer em meio à inocência do desabrochar das flores. Não, eu irei, oh mestre, irei para os jardins em flores.”

O rei atendeu ao desejo de [Maya](#). Ele disse aos seus criados:

“Vá para os jardins e embeleze-os em prata e ouro. Decore as árvores com pingentes preciosos. Tornem tudo magnificente por onde a rainha passará.”

Árvore Bodhi e o lago onde a Rainha Maya banhou-se antes de dar à luz o futuro Budha - Imagem via Wikipedia



Então, ele dirigiu-se a Maya:

“Arrume-se, hoje, em grande esplendor, oh Maya. Passeie num deslumbrante palanquin; deixe-se carregar pelas suas mais belas acompanhantes. Ordene aos seus serventes para que usem perfumes raros; que se adornem com colares de pérolas e braceletes de pedras preciosas; que carreguem alaúdes, tambores e flautas; e cantem suaves canções que deleitem os próprios Deuses.”

Rainha Maya rumo à Lumbini, onde deu à luz o príncipe Siddharta. Fonte Wikipedia: Click na imagem para ir ao site de origem.



Painel do [Lalitavistara](#), [Borobudur](#), Indonésia

Suddhodana foi obedecido, e quando a rainha chegou aos portões do palácio, os guardas saudaram-na com alegre clamor. Sinos repicaram alegremente, pavões abriram suas esplendorosas caudas, e o canto dos cisnes ecoou no ar.

Eles chegaram a um bosque onde as árvores estavam em floração, em [Lumbini](#), e Maya ordenou-lhes descansar o palanquin. Ela saiu e começou a perambular sem rumo. Estava feliz. E eis! Ela encontrou uma árvore rara, cujos ramos pendiam sob a carga de flores. Ela foi à árvore. Graciosamente

estendendo a sua mão, ela tirou um ramo. De repente, ela ficou muito quieta. Sorriu, e as acompanhantes que estavam próximas a ela receberam uma linda criança em seus braços.

Naquele exato momento, tudo o que era vivo no mundo vibrou com alegria. A terra tremeu. Canções e passadas de pés dançantes ecoaram no céu. Árvores de todas as estações explodiram em flores, e frutas maduras pendiam dos galhos. Uma luz pura e serena apareceu no céu. Os doentes libertaram-se do seu sofrimento. Os famintos foram satisfeitos. Aqueles a quem o vinho embriagara tornaram-se sóbrios. Loucos recuperaram a razão, os fracos a sua força, os pobres a sua riqueza. Prisões abriram seus portões. Os ímpios purificaram-se de todos os males.

Uma das acompanhantes de Maya apressou-se ao Rei Suddhodana e exclamou alegremente:

“Meu senhor, meu senhor! Seu filho nasceu, um filho que trará grande glória para sua casa!”

Ele ficou sem palavras. Mas sua face estava radiante de alegria, e sentia grande felicidade.

Imediatamente ele conclamou todos os [Shakyas](#), e ordenou-lhes acompanhá-lo ao jardim onde a criança havia nascido. Eles obedeceram-lhe e, com uma multidão de brâmanes em acompanhamento, formaram uma nobre comitiva que solenemente seguiu o rei.

Quando se aproximou da criança, o rei fez profunda reverência, e disse:

“Curvem-se como eu me curvo diante do Príncipe, a quem darei o nome de Siddhartha.”

Todos se curvaram, e os brâmanes, inspirados pelos Deuses, então cantaram:

“Todas as criaturas estão felizes,
e os caminhos percorridos pelos homens não serão mais
acidentados,
pois é nascido,
aquele que concede a felicidade:
ele trará a felicidade para o mundo.

Na escuridão, uma grande luz resplandeceu,
o sol e a lua são como brasas,
pois é nascido,
aquele que concede a luz:
ele trará luz para o mundo.

O cego vê, o surdo ouve,
os tolos recuperam a sua razão,
pois é nascido,
aquele que restaura a visão, que restaura a audição, e
restaura a mente:
ele trará visão, ele trará audição, ele trará razão para o
mundo.

Zéfiros (brisa – ventos do ocidente) perfumados
aliviam o sofrimento da humanidade,
pois é nascido,
aquele que cura:

ele trará saúde para o mundo.
As chamas não são mais impiedosas,
as correntezas dos rios acalmaram,
a terra tremeu suavemente:
ele será o único a ver a verdade.”

A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

A Sombra do Bodhi

23/08/2011 at 10:15

Neste ínterim, o [Rei Suddhodana](#) se perguntou o que tinha acontecido com o príncipe, e enviou muitos servos à sua procura. Um deles o encontrou absorvido em meditação. O servo aproximou-se, então subitamente parou, perplexo com admiração. Pois as sombras de todas as árvores tinham se distanciado (alongado devido à posição do sol), exceto a daquela [Árvore](#) sob a qual o príncipe estava sentado. Sua sombra não havia se movido; ela ainda o abrigava.

O servo correu de volta ao palácio do rei.

“Meu senhor!”, ele clamou, “Eu vi seu filho; ele está meditando sob uma árvore cuja sombra não se moveu, muito embora as sombras de todas as outras árvores tenham se movido e alongado.”



Wisdom Quarterly - [Click na imagem para ir ao site de origem.](#)

Suddhodana deixou o palácio e acompanhou o servo para onde seu filho estava sentado. Chorando de alegria, disse para si:

“Ele é tão belo quanto o fogo no topo de uma montanha. Ele me deslumbra. Ele será a luz do mundo, e meus membros tremem quando o vejo assim em meditação.”

O rei e seu servo não ousaram mover nem falar. Mas algumas crianças passaram por ali, puxando uma pequena carruagem atrás deles. Estavam fazendo um barulho. O servo lhes disse, num susurro:

“Não devem fazer barulho.”

“Por quê?” indagaram as crianças.

“Vêem quem medita sob a árvore? Aquele é o **Príncipe Siddhartha**. A sombra da árvore não o deixou. Não o perturbem, crianças; vocês não vêem que ele tem o brilho do sol?”

Mas o príncipe despertou das suas meditações. Levantou-se e aproximando-se do seu pai, disse-lhe:

“Devemos cessar o trabalho nos campos, pai; devemos buscar as grandes verdades.”

E retornou para [Kapilavastu](#).

A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

Os Portões de Kapilavastu

29/09/2011 at 7:29

Ele chamou o seu escudeiro, o rápido Chandaka.

“Traga-me o meu cavalo [Kanthaka](#), imediatamente”, disse ele.

Siddhartha ao deixar o palácio em seu cavalo Kanthaka. Click na imagem para site de origem.



“Permanecerei fora, para encontrar a eterna bem-aventurança. Sinto a profunda alegria, a força indomável que

agora sustenta a minha vontade, a segurança de que tenho um protetor muito embora esteja sozinho, todas essas coisas me dizem que estou prestes a atingir o meu objetivo. Chegou a hora; estou no caminho para a libertação.”

Chandaka tinha conhecimento das ordens do rei, mas sentiu algum poder superior compelindo-o a desobedecer. Ele foi buscar o cavalo.

Kanthaka era um animal esplêndido; era forte e dócil. Siddhartha acariciou-lhe calmamente, e então lhe disse numa voz terna:

“Muitas vezes, oh nobre animal, meu pai montou-lhe na batalha e derrotou os seus poderosos inimigos. Hoje, irei à busca da suprema bem-aventurança; empresta-me a sua ajuda, oh Kanthaka! Companheiros nas armas ou nos prazeres não são difíceis de encontrar, e quando nos propomos a adquirir riquezas, nunca carecemos de amigos (logo muitos se apresentam). Mas os companheiros e amigos nos abandonam quando é o caminho da santidade que iremos tomar. No entanto, disto estou certo: aquele que ajuda outro a cometer o bem ou o mal, compartilha daquele bem ou mal. Então saiba, oh Kanthaka, que é um impulso virtuoso que me compele. Emprésteme sua força e sua rapidez; a salvação do mundo, e a sua própria, está em jogo.”

O príncipe falou a Kanthaka comoalaria a um amigo. Montou com decisão a sela, e parecia como o sol montado numa nuvem de outono.

O cavalo teve o cuidado de não fazer barulho, pois a noite era clara. Ninguém no palácio ou em [Kapilavastu](#) estava acordado. Pesadas trancas de ferro protegiam os portões da cidade, um elefante poderia levantá-las somente com grande dificuldade, mas, para permitir a passagem do príncipe, os portões abriram-se silenciosamente, de sua própria vontade.

Deixando seu pai, seu filho e sua gente, Siddhartha saiu da cidade. Não sentiu arrependimento, e numa voz firme, ele bradou:

“Até que eu veja o fim da vida e da morte, não retornarei à cidade de Kapila.”

O Portão Leste, através do qual o Príncipe Siddhartha deixou a vida mundana. Click na imagem para o site de origem.



A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

A Aparição em Rajagriha

11/10/2011 at 7:48

Certa manhã, o herói pegou a sua tigela de donativos e entrou na cidade de [Rajagriha](#). As pessoas que por ele passavam na estrada admiravam a sua beleza e o seu porte nobre. “O que é este homem?”, eles imaginavam. “Ele é como um Deus, como o Shakra ou Brahma em pessoa”. Dentro em pouco, estava sendo propalado que um ser maravilhoso estava vagando pela cidade, esmolando. Todos queriam ver o herói; seguiram-no, e as mulheres corriam para as janelas quando ele passava. Mas ele solenemente seguiu seu caminho, enquanto uma estranha luz apareceu sobre a cidade. Um homem correu para informar ao rei que um Deus, nada menos, estava esmolando nas ruas da cidade. O rei [Bimbisara](#) acorreu ao terraço do palácio; ele viu o herói. Seu esplendor deslumbrou-lhe. Ele enviou seus donativos, e deu ordens para que o seguissem, no sentido de descobrir o seu retiro (abrigo). Dessa forma, o rei soube que o magnífico pedinte vivia na encosta da montanha, próximo à cidade.

Prisão de Bimbisara, onde o Rei foi preso pelo seu filho Ajatashatru - Fonte:
Wikipedia



A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

Os Alaúdes do Nairanjana

18/10/2011 at 7:54

As águas claras do Nairanjana fluíam através de uma terra rica e fértil. Pequenas aldeias dormitavam à sombra de árvores magníficas, e grandes prados estendiam-se na distância. O herói pensou: “Quão agradável é aqui; é um lugar convidativo para se meditar! Talvez, aqui encontrarei o caminho para a sabedoria. Residirei aqui.”

Rio Nairanjana com o Templo Mahabodhi ao pôr do sol em Bodhgaya. [Click na imagem para site de origem.](#)



Ele tornou-se profundamente absorto em contemplação. Estava tão entretido com seus pensamentos que cessou a respiração e, certo dia, caiu desacordado. Os Deuses, que o estavam observando do céu, pensaram que ele estava morto, e gritaram:

“Está morto, esse filho dos [Shakyas](#)? Será que ele morreu e deixou o mundo por seu sofrimento?”

[Maya](#), a mãe do herói, vivia em meio aos Deuses. Ela ouviu seus gritos e clamores, e temeu pela vida do seu filho. Acompanhada por uma multidão de [Apsaras](#), ela desceu às margens do Nairanjana, e quando viu Siddhartha, tão rígido, tão inerte, ela chorou.

Ela disse: “Quando você nasceu no jardim, estava certa, oh meu filho, que você contemplaria a verdade. Depois, [Asita](#) profetizou que você libertaria o mundo. Mas eram mentirosas aquelas profecias. Você não ganhou fama por qualquer conquista real, você não atingiu a suprema sabedoria! Você morreu, deploravelmente e sozinho. Quem poderá lhe ajudar, oh meu filho? Quem trará você de volta à vida? Por dez luas carreguei você em meu útero, oh minha joia, e agora só posso lamentar.”

Ela espalhou flores sobre o corpo do seu filho, ao que ele se mexeu e falou-lhe numa voz suave:

“Não tenha medo, mãe; seus esforços não foram em vão; Asita não lhe disse mentiras. Mesmo se a terra fosse transformada em pó, mesmo se a montanha Meru submergisse nas águas, mesmo se as estrelas caíssem como chuva sobre a terra, eu não morreria. Somente Eu, de todos os homens, sobreviveria à ruína do mundo! Não chore, mãe! Aproxima-se o tempo quando atingirei a suprema sabedoria.”

Maya sorriu ao ouvir as palavras do seu filho; ela curvou-se por três vezes, e então ascendeu ao céu, sob o som de alaúdes celestiais.

A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

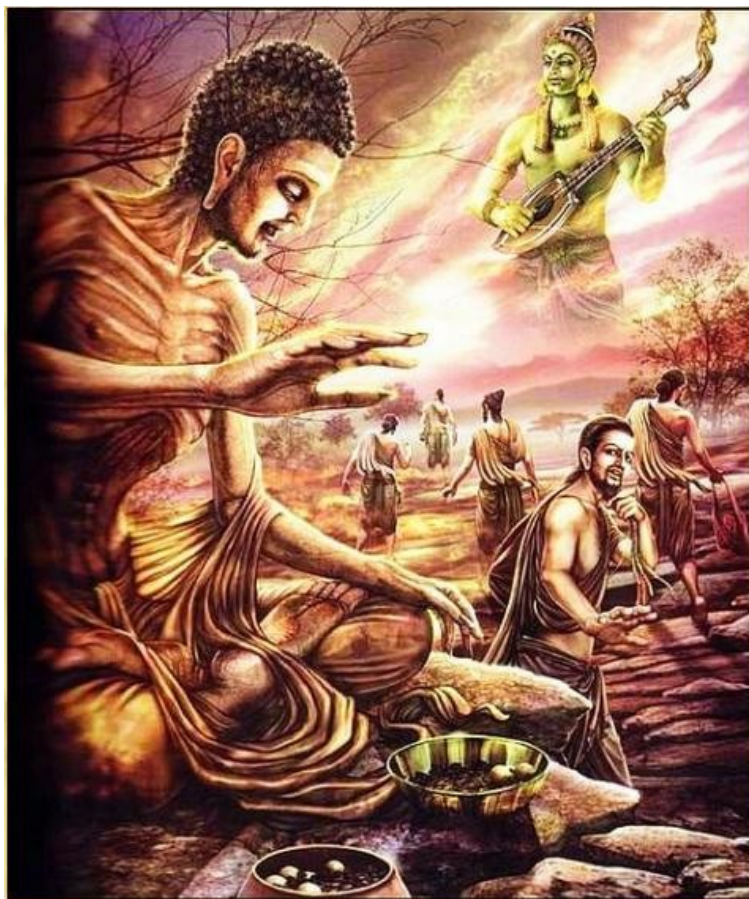
A Deserção dos Cinco Discípulos

19/10/2011 at 10:00

Por seis anos, o herói permaneceu às margens do rio e meditou. Ele nunca procurou abrigo do vento, do sol ou da chuva; permitiu moscas, mosquitos e serpentes picarem-lhe. Estava alheio aos meninos e meninas, aos pastores e lenhadores, que zombavam dele quando passavam e que às vezes atiravam-lhe pó ou lama. Jejuou severamente: uma fruta e alguns grãos de arroz ou gergelim compunham a sua alimentação. Tornou-se muito magro; seus ossos apareciam

proeminentemente. Mas sob a sua testa magra, seus olhos dilatados brilhavam como estrelas.

Por seis anos, o herói jejuou severamente às margens do rio Nairanjana, sem resultado. [Click na imagem para site de origem.](#)



E ainda assim a verdadeira sabedoria não lhe veio. Sentiu que estava tornando-se muito fraco, e percebeu que se ele definhasse, nunca alcançaria o objetivo que havia colocado para si. Então, ele decidiu alimentar-se melhor.

Havia uma aldeia chamada Uruvilva, próxima ao local onde Siddhartha permanecia longas horas em meditação. O líder dessa aldeia tinha dez filhas. Elas reverenciavam o herói, e traziam-lhe grãos e frutos (obtidos) por meio de donativos. Ele raramente tocava esses donativos, mas, certo dia, as meninas noticiaram que ele havia comido tudo o que elas lhe ofereceram. No dia seguinte, elas vieram com um grande prato repleto de arroz cozido, e ele o esvaziou. No dia seguinte, cada uma trouxe uma iguaria diferente, e o herói comeu-as todas. Ele começou a ganhar peso e, em breve, começou ir à aldeia esmolar sua comida. Os moradores competiam entre si na doação de esmolas e, logo, ele recuperou suas forças e sua beleza.

Mas os cinco discípulos que tinham se juntado a ele disseram um ao outro:

“Suas austeridades não lhes conduziram ao caminho da verdadeira sabedoria, e agora ele cessou de praticá-las. Ele toma alimentação abundante; procura o conforto. Ele não pensa mais em praticar ações sagradas. Como ele poderá, agora, atingir a verdadeira sabedoria? Considerávamos-lhe um

homem sábio, mas estávamos enganados: ele é um insano e tolo.”

Eles abandonaram-lhe e foram para [Benares](#).

A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

A Caminho de Benares

23/11/2011 at 9:54

No Monte Gaya ele encontrou um monge chamado Upaka. À vista do Bem-Aventurado, Upaka soltou um grito de admiração.

“Quão maravilhoso é você!”, ele exclamou. “Sua face está radiante. Uma fruta amadurecida no sol tem menos esplendor. Vossa beleza é de um (dia) claro (de) outono. Meu senhor, posso indagar-lhe quem foi seu mestre?”

“Eu não tenho mestre”, respondeu o Bem-Aventurado. “Não há alguém como eu. Sou um sábio solitário, tranquilo, incorruptível.”

“Que grande mestre você deve ser!”, disse Upaka.

“Sim, eu sou o único mestre neste mundo; ninguém igual a mim pode ser encontrado na terra ou no céu.”

“Para onde vai?”, perguntou Upaka

Varanasi, também conhecida como Benares



“Estou a caminho de [Benares](#)”, disse o Bem-Aventurado, “E lá eu acenderei a lâmpada que trará luz ao mundo, uma luz que irá deslumbrar até os olhos do cego. Estou a caminho de Benares, e lá soarei os tambores que despertarão a raça humana, os tambores que ressoarão até mesmo nos ouvidos do surdo. Estou a caminho de Benares, e lá ensinarei a lei.”

Ele continuou em seu caminho, e veio para as margens do Ganges. O rio estava em cheia, e o Bem-Aventurado procurou

por um barqueiro para atravessá-lo. Ele encontrou um, a quem disse:

“Amigo, você me levaria em travessia do rio?”

“Certamente”, respondeu o barqueiro, “mas primeiro me pague pela viagem”.

“Não tenho dinheiro”, disse o Bem-Aventurado.

E voou através do ar para a margem oposta.

O barqueiro ficou com o coração partido. Gritou: “Não o atravessei o rio, ele que era um homem santo! Oh, ai de mim!” E rolou no chão em sua grande aflição.

A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

O Buda Supremo Encontra os ex-Discípulos

24/11/2011 at 9:18

O Bem-Aventurado entrou na grande cidade de [Benares](#). Ele perambulou pelas ruas, pedindo por esmolas; comeu o alimento que a ele foi oferecido, e então foi para o Parque do Cervo onde ele sabia que encontraria os ex-discípulos de Rudraka.

Os cinco discípulos viram-no à distância. Eles pensaram que o reconheciam, e disseram um ao outro:

“Não conhecemos esse homem, caminhando em nossa direção? Não é aquele que, anteriormente, se utilizou das austeridades para nos impressionar, e que, um dia, revoltou-se com a severidade da autodisciplina que ele havia imposto? Se suas mortificações não lhe mostraram o caminho para a suprema sabedoria, então como podem suas ideias trazerem algum proveito para nós agora que ele está seduzido pela ganância e covardia? Não vamos ao seu encontro, ou levantar-nos quando ele se aproximar; não vamos aliviá-lo do seu manto ou de sua tigela de donativos; não vamos sequer oferecer-lhe um assento. Nós lhe diremos: ‘todos os assentos aqui estão tomados’. E não lhe daremos nada para comer ou beber.”

Assim eles decidiram. Mas o Bem-Aventurado veio se aproximando, e quanto mais próximo chegava, mais desconfortáveis eles se sentiam. Eles ficaram tomados por um grande desejo de se levantarem de seus assentos. Ficaram como pássaros tentando escapar freneticamente de uma gaiola sob a qual um fogo foi aceso. Ficaram inquietos; pareciam estar doentes. Finalmente, eles romperam a sua resolução. Levantaram como se fossem um; correram para o Bem-Aventurado, e saudaram-lhe. Um pegou a sua tigela de donativos, outro o seu manto, e o terceiro ofereceu-lhe

assento. Trouxeram-lhe água para banhar os pés, e em uníssono bradaram:

“Bem-vindo, amigo, bem-vindo. Tome um assento em meio a nós.”

O Bem-Aventurado sentou-se e banhou seus pés. Então ele disse aos cinco eremitas:

“Não se dirijam a mim como amigo, oh monges. Eu sou o Santo, o Realizado, o Buda Supremo. Abram seus ouvidos, oh monges; está descoberto o caminho que conduz à libertação. Eu lhes mostrarei o caminho; Eu lhes ensinarei a lei. Ouçam bem, e aprenderão a verdade sagrada.”

Mas eles responderam:

“Anteriormente, a despeito das suas práticas de austeridades, você não chegou ao perfeito conhecimento; sendo assim, como você poderia tê-lo atingido, agora que você leva uma vida de auto-indulgência?”

“Oh monges”, respondeu o Bem-Aventurado, “Eu não levo uma vida de auto-indulgência; de maneira alguma eu renunciei as bênçãos às quais eu aspirava. Eu sou o Santo, o Realizado, o Buda Supremo. Abram seus ouvidos, oh monges; está descoberto o caminho que conduz à libertação. Eu lhes mostrarei o caminho; Eu lhes ensinarei a lei. Ouçam bem, e aprenderão a verdade sagrada.”

E acrescentou: “Oh monges, vocês admitirão que jamais me dirigi a vocês dessa maneira antes?”

“Nós admitiremos, Mestre.”

“Digo-vos: Eu sou o Santo, o Realizado, o Buda Supremo. Abram seus ouvidos, oh monges; está descoberto o caminho que conduz à libertação. Ouçam bem.”

A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

O Bosque dos Bambus

19/12/2011 at 8:52

No dia seguinte, os habitantes de [Rajagriha](#) deixaram seus lares e foram ao bosque; estavam ansiosos para ver o Bem-Aventurado; todos eles o admiraram, e louvaram o seu poder e a sua glória.

Chegou o momento para ele ir ao palácio do rei, mas a estrada estava tão lotada pelos expectadores, que era impossível avançar um passo sequer. Subitamente, um jovem brâmane apareceu diante do Mestre. Ninguém sabia de onde viera. Ele disse:

“O Mestre Honrado está em meio ao povo honrado; ele concede a libertação. Aquele que reluz como o ouro chegou à Rajagriha.”

Ele tinha uma voz agradável. Acenou à multidão para dar lugar, e eles obedeceram sem um pensamento de resistência. E ele cantou:

“O Mestre dissipou a escuridão; a noite nunca renascerá; aquele que conhece a lei suprema chegou à Rajagriha.”

“De onde ele vem, esse jovem brâmane com sua voz límpida e doce?”, o povo se perguntou.

Ele continuou a cantar:

“Aqui está ele, que é onisciente, o Mestre Honrado, o Buda Sublime. Ele é supremo no mundo; estou feliz por servi-lo. Não para servir o ignorante, mas para humildemente servir o sábio e para venerar aqueles que são nobres: existe no mundo uma alegria mais sagrada? Para viver numa terra de paz, para realizar muitas obras do bem, para buscar o triunfo da retidão: existe no mundo uma alegria mais sagrada? Para ter habilidade e conhecimento, para amar as ações da generosidade, para trilhar o caminho da justiça: existe no mundo uma alegria mais sagrada?”

O jovem brâmane conseguiu abrir um caminho através da multidão, e levou o Mestre ao palácio do Rei [Bimbisara](#).

Então, feito seu trabalho, ele alçou-se da terra, e atingindo o mais elevado dos céus, se desvaneceu na luz. Então o povo de Rajagriha soube que um Deus havia considerado uma honra servir ao Buda e exaltou a sua grandeza.

Bimbisara recebeu o Bem-Aventurado com grande reverência. Ao final da refeição, ele disse-lhe:

“Alegro-me com a sua presença, meu Senhor. Devo vê-lo com frequência, e frequentemente ouvir a palavra sagrada dos seus lábios. Você deve agora aceitar uma oferenda minha. Mais próximo da cidade do que aquela floresta onde você habita, há um bosque agradável, conhecido como Bosque dos Bambus. É vasto; você e seus discípulos podem viver lá confortavelmente. Eu dou-lhe o Bosque dos Bambus, meu Senhor, e se você quiser aceitá-lo, sentirei que você prestou-me um grande serviço.”

O Buda sorriu com satisfação. Uma bacia de ouro foi trazida, cheia de água suavemente fragrante. O rei pegou a bacia e derramou a água sobre as mãos do Mestre. E disse:

“Assim como essa água derrama das minhas mãos em suas mãos, meu Senhor, assim possa o Bosque dos Bambus passar das minhas mãos para suas mãos, meu Senhor.”

A terra tremeu: a Lei agora tinha um solo no qual enraizar-se. E naquele mesmo dia, o Mestre e seus discípulos foram viver no Bosque dos Bambus.

A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

A Chegada à Kapilavastu

18/01/2012 at 11:18

Ele finalmente chegou à [Kapilavastu](#). Para recebê-lo, os [Shakyas](#) se reuniram num parque resplandecente em flores. Muitos dos presentes eram extremamente orgulhosos, e pensaram: “Há alguns aqui que são mais velhos do que Siddhartha! Por que eles devem prestar-lhe homenagem? Deixe as crianças, os jovens rapazes e donzelas, curvarem-se diante dele; os mais velhos devem manter a cabeça erguida!”

O Bem-Aventurado adentrou o parque. Todos os olhos ficaram deslumbrados pela luz brilhante que ele emanava. O [Rei Suddhodana](#) ficou profundamente comovido; deu alguns passos em sua direção: “Meu filho...”, ele gritou. Sua voz embargou; lágrimas de alegria escorreram em sua face, e ele lentamente curvou a sua cabeça.

E quando os Shakyas viram o pai prestando homenagem ao filho, todos eles prostraram-se humildemente.

O Portão Oeste de Kapilavastu



A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

O Buda Deixa Kapilavastu

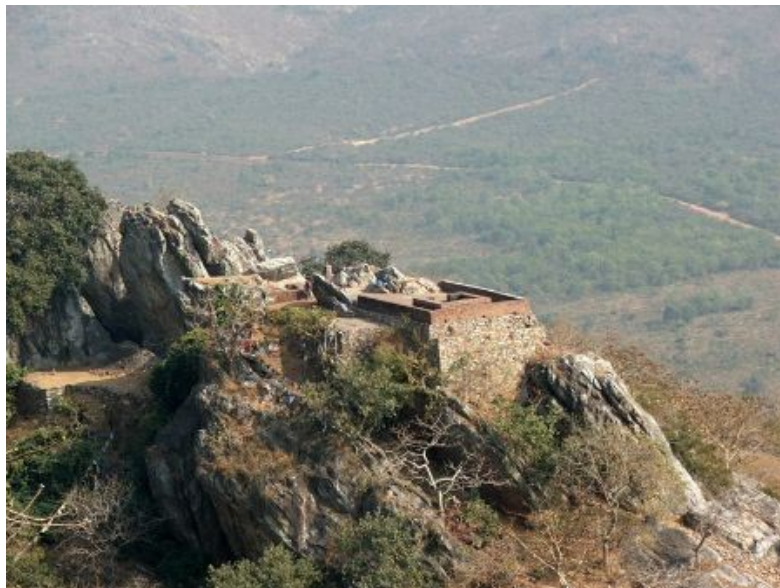
09/02/2012 at 10:46

[Rahula](#) foi com seu pai, e [Gopa](#) alegrou-se. O rei [Suddhodana](#), somente, ficou triste: sua família estava lhe abandonando! Ele não poderia deixar de falar o seu sentimento para o Mestre.

“Não sofra”, respondeu o Mestre, “pois grande é o tesouro que compartilharão aqueles que ouvirem minhas palavras e seguirem-me! Suporte a sua dor em silêncio; seja como o

elefante ferido em batalha pelas lanças do inimigo: ninguém ouve a sua queixa. Reis montam na batalha sobre elefantes que estão sob absoluto controle; no mundo, o grande homem é aquele que aprendeu a controlar-se, o homem que suporta a sua dor em silêncio. Aquele que é verdadeiramente humilde, que doma (refreia) suas paixões como se doma cavalos selvagens, é invejado pelos Deuses. Ele não comete o mal. Nem nas cavernas da montanha, e nem nas grutas oceânicas, pode-se escapar das consequências de uma má ação; elas (as más ações) o seguem; elas fustigam-lhe; elas levam-no à loucura, pois não lhe dão paz! Mas se você faz o bem, quando você deixar a terra as suas boas ações lhe saudarão, como amigos após o seu regresso de uma viagem. Vivemos em perfeita felicidade, nós que somos sem ódio num mundo cheio de ódio. Vivemos em perfeita felicidade, nós que somos sãos num mundo cheio de doenças. Vivemos em perfeita felicidade, nós que somos incansáveis num mundo cheio de cansaço. Vivemos em perfeita felicidade, nós que nada possuímos. Alegria é a nossa comida, e somos como Deuses radiantes. O monge que vive em solidão preserva uma alma que é cheia de paz; ele contempla a verdade com um olhar límpido e calmo, e desfruta de uma felicidade desconhecida pelos mortais comuns.”

Monte Gridhrakuta em Rajagriha. Click na imagem para post de origem.



Tendo consolado o Rei Suddhodana com essas palavras, o Bem-Aventurado deixou [Kapilavastu](#) e retornou à [Rajagriha](#).

A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

O Oferecimento de Anathapindika

14/02/2012 at 9:54

O Mestre estava em [Rajagriha](#) quando um rico mercador chamado [Anathapindika](#) (Sudatta) chegou de Cravasti.

Anathapindika era um homem religioso, e quando ele ouviu que um Buda estava vivendo no Bosque dos Bambus, ele ficou ansioso para vê-lo.

Certa manhã ele partiu e, conforme entrou no Bosque, uma voz divina o guiou para onde o Mestre se encontrava sentado. Ele foi saudado com palavras de boas vindas; presenteou a comunidade com uma magnífica doação, e o Mestre prometeu visitá-lo em Cravasti.

Quando retornou para casa, Anathapindika começou a se perguntar onde ele poderia receber o Bem-Aventurado. Seus jardins não pareciam dignos de tal hóspede. O mais belo parque na cidade pertencia ao Príncipe Jeta, e Anathapindika decidiu comprá-lo.

“Venderei o parque”, disse-lhe Jeta, “se você cobrir o chão com moedas de ouro.”

Anathapindika aceitou os termos. Ele levou carroças carregadas de moedas de ouro para o parque e, naquela ocasião, somente uma pequena faixa de terra ficou descoberta. Então Jeta alegremente exclamou:

“O parque é vosso, mercador; terei prazer em vos dar a faixa que ainda está descoberta.”

Anathapindika tinha o parque preparado para o Mestre; então ele enviou o seu mais fiel servo ao Bosque dos Bambus, para

informar-lhe que ele agora estava preparado para recebê-lo em Cravasti.

“Oh Venerável!”, disse o mensageiro, “meu mestre prostra-se aos seus pés. Espera que você tenha sido poupado da ansiedade e doença, e que você não relute em cumprir a promessa que lhe fez. Você é esperado em Cravasti, oh Venerável!”

O Bem-Aventurado não havia esquecido a promessa que fez ao mercador Anathapindika; ele desejava cumpri-la, e disse ao mensageiro: “Eu irei!” Ele aguardou por alguns dias; então pegou o seu manto e sua tigela de donativos, e seguido por um grande número de discípulos, partiu para Cravasti. O mensageiro foi à frente, para dizer ao mercador que ele estava chegando.

Anathapindika decidiu ir ao encontro do Mestre. Sua esposa, seu filho e sua filha o acompanharam, e eles foram assistidos pelos mais ricos habitantes da cidade. E quando eles viram o Buda, ficaram deslumbrados pelo seu esplendor; ele parecia estar andando num caminho banhado de ouro.

Eles o escoltaram até o Parque de Jeta, e Anathapindika disse-lhe:

“Meu senhor, o que devo fazer com esse parque?” “Doe-o para a comunidade, agora e para sempre”, respondeu o Mestre.

Anathapindika ordenou ao servo trazer-lhe uma bacia de ouro cheia de água. Ele derramou a água sobre as mãos do Mestre, e disse-lhe:

“Dôo este parque para a comunidade governada pelo Buda, agora e para sempre.”

“Muito bem!”, disse o Mestre. “Eu aceito a doação. Este parque será um refúgio feliz; aqui viveremos em paz, e encontraremos abrigo do calor e do frio. Nenhum animal vil entrará aqui: nem mesmo o zumbido de um mosquito perturbará o silêncio; e aqui haverá proteção da chuva, do vento cortante e do sol ardente. E este parque inspirará sonhos, pois aqui meditaremos hora após hora. É justo que tais doações sejam feitas para a comunidade. O homem inteligente, o homem que não negligencia seus próprios interesses, deve dar aos monges uma morada adequada; ele deve dar-lhes comida e bebida; ele deve dar-lhes roupas. Os monges, em retribuição, lhe ensinarão a lei, e aquele que conhece a lei é libertado do mal e atinge o **Nirvana**.”

Jetavana – o Parque de Jeta - Fonte Wikipedia. Click na imagem para site de origem.



A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

O Pensamento de Anathapindika

15/02/2012 at 9:16

O Buda e seus discípulos estabeleceram-se no [Parque de Jeta, Anathapindika](#) ficou feliz; mas, certo dia, um pensamento solene lhe ocorreu.

“Estou sendo efusivamente elogiado”, disse para si, “e, no entanto, o que é tão admirável em minhas ações? Ofereci doações ao Buda e aos monges, e por isso adquiri o direito a uma retribuição futura; mas minha virtude beneficia apenas a mim! Devo levar outros a compartilhar do privilégio. Irei através das ruas da cidade, e daqueles a quem encontrar, obterei doações para o Buda e para os monges. Assim, muitos participarão no bem que estiver fazendo.”

Ele foi a Prasenajit, Rei de Cravasti, que era um homem sábio e justo. Disse-lhe o que tinha decidido fazer, e o rei aprovou. Um arauto foi enviado através da cidade com sua proclamação real:

“Ouçam bem, habitantes de Cravasti! Daqui a sete dias, o mercador Anathapindika, montando um elefante, percorrerá as ruas da cidade. Ele pedirá a todos vocês por donativos, que ele então oferecerá ao Buda e aos seus discípulos. Cada um de vocês dêem-lhe tudo o que puderem dispor.”

No dia anunciado, Anathapindika montou o seu melhor elefante e andou através das ruas, pedindo a cada um por doações para o Mestre e para a comunidade. Eles juntaram-se em torno dele: este deu ouro, aquele prata; uma mulher tirou o seu colar, uma outra o seu bracelete, e uma terceira uma tornozeleira; e mesmo as mais humildes doações foram aceitas.

Caminhos no Parque de Jeta. Click na imagem para site de origem.



A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

A Solidão do Sábio

28/03/2012 at 8:29

O Mestre chegou à cidade de [Kausambi](#), e lá, num primeiro momento, ele estava muito feliz. Os habitantes ansiosamente ouviam as suas palavras, e muitos deles tornaram-se monges.

O Rei Udayana estava entre os crentes, e permitiu ao seu filho Rashtrapala entrar para a comunidade.

Kaushambi, em Uttar Pradesh, foi visitada pelo Buda no sexto e nono anos após a sua iluminação. [Click na imagem para site de origem.](#)



No entanto, foi em Kausambi que o Mestre deparou-se com uma das suas grandes tristezas. Um monge, certo dia, foi repreendido por cometer algumas ofensas menores. Ele não admitia estar errado; e por isso foi punido. Ele se recusou a submeter-se à punição e, como ele era um homem amigável, de grande inteligência e aprendizado, muitos tomaram o seu partido. Em vão, os outros lhe rogaram para retomar o caminho correto.

“Não assuma esse ar presunçoso”, diziam-lhe; “não se considere incapaz (isento) de cometer erros. Ouça o nosso sábio conselho. Dirija-se aos outros monges como deveriam ser abordados aqueles que professam uma fé que também é sua; e eles se dirigirão a você como deveria ser abordado aquele que professa uma fé que também é deles. A comunidade crescerá, a comunidade florescerá, somente se os monges se aconselharem uns aos outros.”

“Vocês não têm que dizer-me o que é certo ou errado”, ele respondeu, “parem de reprovar-me.”

“Não diga isso. Suas palavras são ofensivas à lei. Você está desafiando a disciplina; você está semeando a discórdia na comunidade. Venha, corrija o seu caminho. Viva em paz com a comunidade. Evite essas brigas, e seja fiel à lei.”

Foi inútil. Então, eles decidiram expulsar o rebelde, mas, novamente, ele recusou-se a obedecer. Ele permaneceria na comunidade: uma vez que ele era inocente (pensava), não havia necessidade de submeter-se a uma punição injusta.

O Mestre finalmente interveio. Ele tentou pacificar os monges; insistiu com eles para esquecerem as suas queixas e para unirem-se, como antes, no desempenho das suas funções sagradas, mas ninguém lhe deu atenção. E, certo dia, um monge ainda teve a audácia de dizer-lhe:

“Cale-se, oh Mestre; não nos incomode com as suas falácias. Você chegou ao conhecimento da lei; medite sobre ela. Você vai achar as suas meditações muito agradáveis. Quanto a nós, saberemos para onde ir; nossas brigas não nos impedirão de encontrar o caminho. Medite, e fique quieto.”

O Mestre não enraiveceu. Tentou falar, mas era impossível. Ele viu então que nunca convenceria os monges de Kausambi; eles pareciam estar possuídos por alguma loucura súbita. O Mestre decidiu abandoná-los, mas primeiro disse-lhes:

“Feliz é aquele que tem um amigo fiel; feliz é aquele que tem um amigo discernente. Que obstáculos não poderiam transpor dois sábios e virtuosos amigos? Mas aquele que não tem um amigo fiel se assemelha a um rei sem reinado: ele deve vaguar na solidão, como o elefante na selva. No entanto, é melhor viajar solitário do que na companhia de um tolo. O homem sábio deve seguir um caminho solitário; ele deve evitar o mal e deve preservar a sua serenidade, como o elefante na selva.”

A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

Pataliputra

03/05/2012 at 9:45

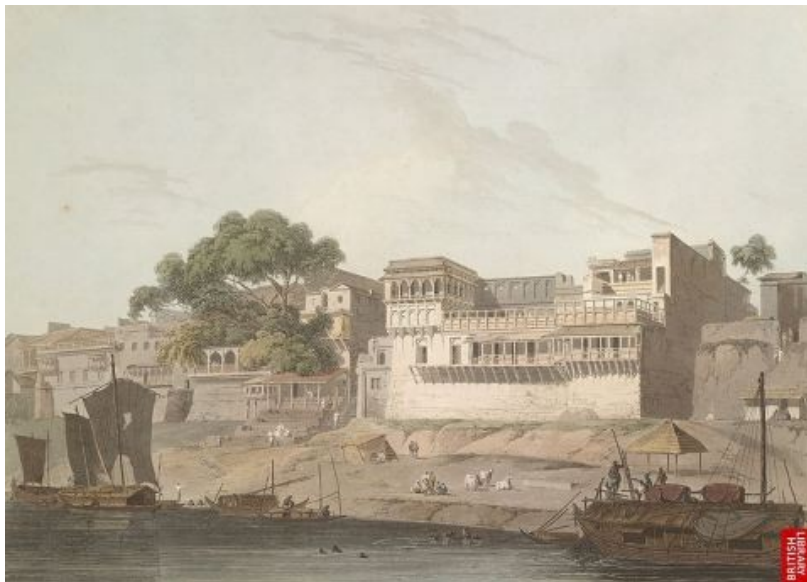
O Mestre veio para as margens do Ganges, ao lugar onde a cidade de **Pataliputra** ([Patna](#))^[1] estava sendo construída. Ele curvou-se diante das muralhas que estavam começando a se levantar do chão, e exclamou:

“Esta cidade, um dia, terá grandeza e fama; muitos heróis aqui nascerão, aqui reinará um rei famoso. Serás uma cidade próspera, oh Pataliputra, e através das eras os humanos louvarão o seu nome.”

Ruínas das fortificações de Pataliputra



Cidade de Patna no Rio Ganges em pintura do século 19. Fonte: Wikipedia.



[1] Os registros históricos de Pataliputra começaram com [Ajatasatru](#), o segundo dos reis de [Magadha](#), que estabeleceu uma pequena fortificação em [Pataligram](#) 490 A.C., no encontro dos rios Ganges e Sone, com o propósito de melhor combater os seus inimigos, os Licchavis. De acordo com os textos Budistas, o Buda visitou Pataligram durante a construção dessa fortificação em sua última viagem para o norte.

Fonte: <http://www.ancientworlds.net/aw/Places/Place/419417>.

A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

O Sermão de Bailva

04/05/2012 at 10:28

Ele cruzou o rio. Partiu para [Vaisali](#), mas na aldeia de **Bailva** ele ficou gravemente doente. Sofreu dores intensas. [Ananda](#) chorava, pois pensava que o Mestre estava morrendo. Mas o Mestre lembrou os muitos discípulos que ele ainda tinha que visitar; ele não queria entrar no Nirvana até que lhes tivesse dado as instruções finais. Pela força da sua vontade, ele superou a doença, e a vida não lhe abandonou. Ele recuperou-se.

Quando se sentiu bem de novo, ele saiu da casa que havia lhe dado abrigo, e tomou um assento que havia sido preparado para ele próximo à porta. Ananda veio e sentou-se ao seu lado.

“Meu Senhor”, disse ele, “vejo que você recuperou a sua saúde. Quando lhe vi tão doente, faltou-me força; estava fraco. Houve momentos em que eu não assimilava que o Mestre estava doente. Ficava tranquilo, pois lembrava que você ainda não havia revelado as suas intenções com relação à comunidade, e sabia que você não entraria no Nirvana sem antes revelar-lhes.”

O Buda em Bailva



O Bem-Aventurado proferiu essas palavras:

“O que mais a comunidade deseja de mim, Ananda? Já estabeleci a doutrina, e já a preguei; não há um simples detalhe que eu não tenha exposto! Aquele que pensa: ‘eu quero governar a comunidade’, revela as suas intenções com relação à comunidade. O Bem-Aventurado, Ananda, nunca pensa: ‘eu quero governar a comunidade’. Por que então ele revelaria as suas intenções? Sou um homem velho, Ananda; meus cabelos estão brancos, e tornei-me fraco. Sou um velho de oitenta anos; cheguei ao fim da estrada. Sejam agora, cada um de vocês, a sua própria tocha; não recorram a ninguém para trazer-lhes luz. Aquele que é sua própria tocha, após eu ter

deixado o mundo, mostrará que ele compreendeu o significado das minhas palavras; será meu verdadeiro discípulo, Ananda; ele saberá a maneira correta de viver.”

A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

O Sermão de Vaisali

08/05/2012 at 10:08

Ele partiu novamente, e chegou a **Vaisali**. Ele foi cidade afora, esmolando por sua comida de porta em porta. De repente, ele viu Mara de pé diante dele.

“É chegado o momento”, disse o Maligno; “entre no Nirvana, oh Bem-Aventurado.”

“Não”, respondeu o Buda. “Eu sei quando deverei entrar no Nirvana; sei melhor que você, Maligno. Alguns meses mais, e será o tempo. Três meses mais, e o Bem-Aventurado entrará no Nirvana.”

Nessas palavras, a terra tremeu, e um trovão ecoou através do céu: o Bem-Aventurado destruiu a vontade pela qual ainda prendia-se à vida; ele estabeleceu o tempo para a sua entrada no Nirvana. A terra tremeu, e um trovão ecoou através do céu.

Ao anoitecer ele reuniu os Monges de Vaisali, e dirigiu-se a eles:

“Oh Monges, preservem cuidadosamente a sabedoria que eu adquiri, e que lhes ensinei, e trilhem o caminho da retidão, de forma que a vida de santidade possa durar muito, para a alegria e salvação do mundo, para a alegria e salvação dos Deuses, para a alegria e salvação da humanidade. Alguns meses mais, e minha hora chegará; três meses mais, e entrarei no Nirvana. Eu irei e vocês ficarão. Mas nunca deixem de lutar, oh Monges. Aquele que não vacila no caminho da verdade evita o nascimento, evita a morte para sempre, e evita o sofrimento para sempre.”

Imagem na Torre do Buda em Vaisali. Fonte: Wikipedia.



No dia seguinte, ele novamente perambulou pela cidade, à busca de esmolas; então, com alguns discípulos, ele pegou a estrada a caminho de [Kusinagara](#), onde ele decidira entrar no Nirvana.

A Torre do Buda em Vaisali. Fonte: Wikipedia.



A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

A Última Viagem

10/05/2012 at 10:03

Ele superou a sua fraqueza e alcançou as margens do Kakutstha. O rio era calmo e puro. O Mestre banhou-se em suas águas límpidas. Após o banho, ele bebeu das suas águas, e então foi para um bosque de mangueiras. Lá, ele disse ao Monge **Cundaka**:

“Dobre meu manto em quatro, para que eu possa deitar e descansar.”

Cundaka obedeceu alegremente. Ele rapidamente dobrou o manto em quatro e o estendeu ao chão. O Mestre deitou-se, e Cundaka sentou-se ao seu lado.

O Mestre descansou algumas horas. Então, ele partiu novamente, e finalmente chegou em **Kushinagar**. Lá, às margens do Hiranyavati, ficou num pequeno bosque, agradável e tranquilo.

O Mestre disse:

“Vá, Ananda, e prepare uma cama para mim entre as duas árvores gêmeas. Disponha a cabeceira para o norte. Estou doente, Ananda.”

Ananda preparou a cama, e o Mestre foi e reclinou-se nela.

A Torre do Parinirvana em Kushinagar – Uttar Pradesh.



A vida do Buda, tr. para o francês por **A. Ferdinand Herold** [1922], tr. para o inglês por **Paul C. Blum** [1927], rev. por **Bruno Hare** [2007], tr. para português brasileiro por **Marcos U. C. Camargo** [2011].

PARTE III – NATUREZA DOS LUGARES SAGRADOS

A Origem de um Lugar Sagrado

11/04/2012 at 9:56

[Conforme narra anteriormente Eric Gordon em seu artigo [Towards a Theory of Network Locality](#), “*havia uma entrada secreta para um cemitério-jardim*”, a qual era utilizada pelos moradores do bairro para suas caminhadas, pois a entrada principal era muito distante - veja a íntegra do artigo clicando no link acima]. Ainda em seu artigo, lê-se:

“Cultura Local (enquanto conhecimento) comumente é a aceção de costumes, espaços, ou políticas compartilhadas por um grupo de pessoas, com um interesse comum em um determinado espaço (Geertz, 1983). Esse entendimento pode ser tão trivial quanto saber de uma entrada secreta para um cemitério, ou tão significativo quanto práticas religiosas e culturais (enquanto comportamento) nativas. O que liga esses entendimentos à Cultura Local é o fato de que eles são de origem social. Se eu fosse o único que soubesse de uma entrada (secreta) para o cemitério, esse ‘bit’ de informação seria meramente um segredo. Todavia, o mesmo segredo, coletivamente apreendido por um grupo bem definido, rapidamente torna-se o tecido conjuntivo de uma comunidade local. Torna-se um “Lugar no Mundo – placeworld” (Gordon e Koo, 2008)”.

Onde quer que estejamos, o lugar onde habitamos, nossos familiares, amigos e vizinhos próximos constituem um “Lugar no Mundo”, para onde sempre retornamos após jornadas diárias de trabalho, de estudo, ou de viagens de lazer ou trabalho. No mundo de hoje, para além das fronteiras de uma localidade geográfica, as relações sociais se estendem para limites inimagináveis, aproximando pessoas e costumes num verdadeiro oceano de informações. Muitas dessas informações são como verdadeiras descobertas, algo que gostaríamos muito que familiares e amigos compartilhassem, e assim o fazemos através das redes sociais. São notícias, artigos, palestras, frases, imagens, fotos e vídeos entre outras coisas.

Mas, o que fazemos quando deparamos com os profundos ensinamentos do **Dharma Sagrado**? Devemos guardar segredo? Não! Devemos alardear descuidadamente por aí? Não, também! Nem uma coisa, nem a outra. Mas sim, o caminho do meio. O que isto está a nos dizer? Está a nos dizer que devemos compartilhar esses profundos ensinamentos com familiares, entes queridos, e outras pessoas de aguçada inteligência que buscam o caminho.

O que aprendemos com o artigo de Eric Gordon é que quando esses ensinamentos deixam de ser segredo, sendo apreendidos coletivamente por um grupo social, eles tornam-se o tecido conjuntivo de uma Comunidade Local. Se esses

ensinamentos versam sobre o **Dharma Sagrado**, então podemos chamar essa “**Comunidade Local**” de **Sangha**, e a esse “**Lugar no Mundo**” um **Lugar Sagrado**.

Um Lugar Sagrado Pode Adoecer

17/04/2012 at 10:23

“Na medida em que (o conceito de) Lugar no Mundo torna-se sinônimo de espaços significativos, isto certamente nem sempre é benéfico (Gordon, 2008)”.

Contrariamente aos profundos ensinamentos do [Mahayana](#) sobre a Sabedoria da Não-Distinção, muitas vezes um organismo cai vítima de sua própria identidade, ou ego.

Em seu artigo [Towards a Theory of Network Locality](#), Eric Gordon tece a consideração que: *“Esses espaços significativos (‘Lugares no Mundo’) podem ser usados para exercer o poder dentro de contextos geograficamente definidos. Eles estabelecem distinção entre aqui e ali, nós e eles. Aqueles que compartilham um Lugar no Mundo podem optar por abri-lo aos recém-chegados, ou podem fechá-lo para si, criando efetivamente uma hierarquia de autenticidade local. ‘Você pode viver aqui, mas não vive aqui autenticamente’. Em comunidades antigas, isto pode levar à mútua exclusão entre ‘nativos’ e ‘forasteiros’, ou veteranos e novatos. Esses espaços*

também podem ser produzidos no que concerne à raça, classe ou gênero. Diferenças de aparência exterior podem ser usadas para excluir recém-chegados”.

Nesse caso, pode-se evocar a sinonímia de secretar (fazer segredo) e segregar (apartar), cuja essência maléfica atacará o tecido conjuntivo daquela comunidade e, como uma doença autoimune, destruirá a relação causal da sua própria origem, da sua razão de ser, e também poderá destruir as sementes para a iluminação daquele coletivo [ver “[A Origem de um Lugar Sagrado](#)”]. Em passagem do Sutra de Lótus, [Capítulo 03 – A Parábola](#), o Buda admoesta Shariputra:

“Além disso, Shariputra,
para os arrogantes,
indolentes e aqueles que nutrem visões próprias,
não pregue este Sutra.
Pessoas comuns de escassa compreensão,
profundamente apegadas aos Cinco Desejos,
ouvindo-o, falharão em compreender;
não o pregue para eles, quem quer que sejam.
Se houver aqueles que não compreendem,
e que caluniam este Sutra,
em consequência,
eles destruirão todas as sementes para o Estado de Buda.”

E no Sutra do Nirvana, [Capítulo 21 – Sobre Ações Puras 1](#), para o benefício de Kashyapa, o Buda diz num gatha:

“Se não se sente a ira,
mesmo contra um simples ser,
e roga-se para dar felicidade a esses seres,
isto é amor-benevolente.
Se sente-se compaixão
por todos os seres,
isto é a semente sagrada.
Interminável é a recompensa.”

Isto tudo nos leva à compreensão da sucumbência de algumas ditas “organizações” pretensamente propagadoras de um ensinamento que, na verdade, não assimilam. Eis porque certas entidades surgem com ímpeto revolucionário, e depois ruem sob o próprio peso. Esses fenômenos resultam de relações sociais doentias, e podem macular aquele “Lugar no Mundo”. Todavia, o [Dharma](#) é Eterno.

Os Lugares Sagrados de Pregação da Prajna pelo Buda

31/07/2012 at 8:43

Uma investigação do dharma deve levar em consideração os locais nos quais o Buda pregou o dharma e o número de fiéis em assembleia que receberam os ensinamentos. O ensinamento da **prajna** foi pregado em Quatro Lugares e em Dezesesseis Assembleias:

1. Sete assembleias foram realizadas no Pico Vulture ([Monte Gridhrakuta](#)), também chamada Montanha Vulture Eficaz, próxima à cidade do Palácio dos Reis (em [Rajagriha](#), onde o **Sutra de Lótus** foi pregado).
2. Sete assembleias foram realizadas na cidade de [Sravasti](#), no **Parque de Jeta**, no Jardim do Benfeitor dos Órfãos e Solitários. Lá é onde o Sutra Vajra foi pregado.
3. Uma assembleia foi realizada no **Palácio do Tesouro de Jóias Preciosas** (Mani Jewel) da Bem-Aventura do Céu das Transformações dos Outros.
4. Uma assembleia foi realizada ao lado do Lago da Garça Branca Real no **Bosque dos Bambus**, próximo ao Palácio dos Reis.

Vista Geral do Parque de Jeta



O **Sutra Diamante** (Vajra Prajna Paramita) foi pregado na terceira assembleia realizada no segundo local, o Parque de Jeta. Assim o sutra começa: “Assim eu ouvi na ocasião em que o Buda estava hospedado em Sravasti, no Parque de Jeta, no Jardim do Benfeitor dos Órfãos e Solitários.”

Dos Três Tipos de Prajna – a literária, a contemplativa e a da marca real – a prajna literária surge do estudo dos sutras, mas uma verdadeira compreensão da literatura surge somente através da prajna contemplativa. A sabedoria contemplativa, plenamente desenvolvida, penetra o objetivo final; ou seja, a prajna da marca real. Se a prajna não se manifesta, é simplesmente uma indicação de que a sabedoria básica

inerente a todas as pessoas não atingiu a fruição. A sabedoria que representa a prajna da marca real surge somente quando nutrida pelas águas da prajna literária e da contemplativa.

O Tempo e o Lugar

28/08/2012 at 9:04

Naquela ocasião refere-se ao tempo quando o Buda encontrava-se hospedado em [Sravasti](#). Sravasti, o nome da cidade capital que abrigava o Rei Prasenajit, traduz-se como “Virtude Florescente”. “Florescente” refere-se aos Cinco Desejos: formas, sons, fragrâncias, sabores e objetos tangíveis; e também à riqueza que abundava no país. “Virtude” refere-se à conduta dos cidadãos, os quais eram bem educados e livres de vergonhas.

O Parque de Jeta pertencia ao filho do Rei Prasenajit, o Príncipe Jeta, cujo nome, “vencedor (Victor) da guerra”, foi-lhe dado em comemoração à vitória do Rei Prasenajit numa guerra com um país vizinho que transcorreu no dia do nascimento do seu filho.

O Benfeitor dos Órfãos e Solitários refere-se a um filantropo Indiano da época que era muito parecido com o Rei Wen da Dinastia Chou na China. O principal objetivo do Rei Wen era beneficiar viúvos, viúvas, órfãos e solitários; significando

idosos, casais sem filhos, etc. O seu reinado foi benevolente e humano, e objetivava unicamente o bem do país. O benfeitor mencionado aqui no sutra foi um idoso chamado **Sudatta**, “bom benfeitor”, um dos grandes ministros do Rei Prasenajit.

O Jardim de flores pertencia ao Príncipe Jeta até que Sudatta o adquiriu pelo preço exorbitante de uma polegada quadrada de ouro para cada polegada quadrada de chão. O Velho Sudatta fez a compra após o seu convite ao Buda para vir a Sravasti pregar o dharma. A seguir, os eventos que resultaram nessa compra do jardim.

Sutra Diamante – Capítulo 1 - As Razões para a Assembleia do [Dharma](#).

O Encontro de Sudatta com o Lugar Sagrado

05/09/2012 at 9:04

E ele retornou à sua casa para iniciar uma extensa procura por uma área adequada, que terminou quando ele viu o jardim de flores do **Príncipe Jeta**. Era perfeito em cada aspecto, proporcionando uma boa vista, e ainda conveniente para a própria cidade. O terreno em si era carregado de uma energia eficaz. Tudo que se encontrava sobre ele era primaz, exceto que ele pertencia ao Príncipe. Imaginando que ele jamais poderia ser capaz de comprá-lo, **Sudatta** enviou um mensageiro para fazer uma oferta. “Ele tem tanto dinheiro

que pensa que pode comprar meu jardim de flores!”, riu o príncipe de espanto. “Muito bem”, disse em tom de brincadeira, “se ele cobri-lo completamente com moedas de ouro, o venderei para ele! Esse é o meu preço”. O Príncipe Jeta considerou que o Velho Sudatta possivelmente não pudesse dispor de um terreno que custasse a sua área em ouro. Ele jamais imaginara que o dinheiro de Sudatta e o seu desejo de ouvir o dharma fossem o bastante. O Velho pegou as moedas de ouro dos depósitos da família e cobriu o Jardim do Príncipe Jeta.

O Príncipe Jeta sentiu-se ultrajado. “Pegue de volta as suas moedas! Não tenho intenção de vendê-lo. Foi apenas uma brincadeira. Nunca me ocorreu que você realmente estaria disposto a pagar tal preço. Meu jardim não pode ser comprado por quantia alguma.”

O Velho calmamente respondeu: “Agora você diz que não quer vender? Você é herdeiro do trono, e a palavra de um Imperador deve ser confiável. Um Rei não mente ou fala imprudentemente. É melhor você vender, porque se as pessoas não puderem confiar em suas palavras agora, por que acreditariam em você após a sua subida ao trono?”

O Príncipe reconheceu o seu predicamento. “Muito bem”, disse ele:

Uma vez que você usou moedas de ouro para cobri-lo, você comprou o terreno. Mas você não cobriu as árvores. Assim, o jardim é o seu oferecimento ao Buda, e as árvores são meu oferecimento. Você tem algo mais a dizer?”

O Velho considerou isto e percebeu que havia um princípio. Era verdade que as copas das árvores não haviam sido cobertas com ouro, e se ele se recusasse a consentir, o Príncipe poderia cortá-las e então o jardim ficaria muito menos belo. “Certo, nós o dividiremos”.

Por isso ele é chamado “**Parque de Jeta no Jardim do Benfeitor dos Órfãos e Solitários**”. O nome do Príncipe é mencionado primeiro, uma vez que representava a realeza, e o Velho Sudatta, conhecido como [Anathapindika](#) (ou Anathapindada), “O Benfeitor dos Órfãos e Solitários”, que ostentava uma posição ministerial na corte, é mencionado em segundo lugar.

Sutra Diamante – Capítulo 1 - As Razões para a Assembleia do [Dharma](#).

Lugares Sagrados

28/01/2013 at 9:41

Sutra:

“Além disso, [Subhuti](#), você deve saber que todos os deuses, humanos e asuras do mundo devem fazer oferecimentos a qualquer lugar no qual mesmo que apenas um verso de quatro linhas deste sutra seja pregado ou promulgado, assim como o fariam para um santuário ou templo do Buda; quanto mais ainda a qualquer lugar onde as pessoas possam receber, proteger, ler e recitar o sutra em sua íntegra. Subhuti, você deve saber que tais pessoas atingiram o mais supremo e raro dos dharmas. Em qualquer lugar onde o texto do sutra seja encontrado, lá está o Buda ou um discípulo reverente.”

Comentário:

Além disso indica que a passagem do sutra segue uma passagem prévia. Por alguma razão, pode não ser conveniente falar o sutra inteiro, de forma que um verso de quatro linhas é escolhido – similar àqueles mencionados anteriormente.

Talvez:

Tudo o que possui marcas é falso e vazio.

Se você vê todas as marcas

como não marcas,

Então você vê o [Tathagata](#).

Use qualquer verso de quatro linhas que você considere apropriado falar em resposta a cada ocasião e pratique a plena doação para curar cada ser vivente de seu problema particular. O lugar onde você fala mesmo que apenas um verso de quatro linhas do texto do sutra é um lugar onde os deuses, os humanos e asuras do mundo vêm para fazer oferecimentos. **Todos**, de fato, refere-se a todos os seres nos seis caminhos do renascimento: deuses, humanos, animais, espíritos famélicos, e seres nos infernos. Todavia, somente **deuses, humanos e asuras** são especificamente mencionados na passagem do texto do sutra, porque não é fácil para seres nos três maus caminhos fazerem oferecimentos aos **Três Tesouros**.

Sutra Diamante – Capítulo 12 – Reverência ao Ensino Ortodoxo.